

Força Expedicionária Brasileira

70 Anos de Início das Operações na Itália



Ainda nesta edição:

- Jubileu de Prata do Prêmio Nobel da Paz
- Sistema Antiaéreo de 35mm Gepard M1A2
- Atendimento Pré-hospitalar no 17º B Log L

ISSN 2178-1265



**FINANCIAMENTO PARA
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO**

POUPEX

JUROS BAIXOS

PARA O PÚBLICO EM GERAL

0800 61 3040

WWW.POUPEX.COM.BR/FMCG

Com a POUPEX, aquele projeto de construir ou reformar o seu imóvel e de comprar armários planejados se materializa. Você pode financiar o material de construção, na loja de sua preferência, no valor de até R\$ 150 mil. Os juros são baixos, a liberação do crédito é ágil e você pode pagar em 96 meses. Além de todas essas facilidades, há uma equipe de profissionais para orientá-lo. Materialize já o seu sonho. **Visite o Ponto de Atendimento da POUPEX mais próximo.**





Editorial

VERDE-OLIVA – ANO XLII • Nº 224 • JULHO 2014

Prezado leitor,

A Revista Verde-Oliva lhe traz, nesta edição de julho, um resgate da memória dos Pracinhas na Segunda Guerra Mundial (II GM), ao comemorarmos os 70 anos do embarque das tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para o teatro de operações europeu.

Em virtude de tão expressivo momento de nossa História, o Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército organizou um seminário sobre a II GM, do qual participaram militares das Forças Armadas e Auxiliares, historiadores, docentes, discentes e pesquisadores.

Apresentamos, ainda, no mesmo viés, um artigo sobre a visita de militares ao local do antigo teatro de operações na Itália, em áreas percorridas por nossos Pracinhas àquela época. As emoções afloram, sinceras, de ambos os lados, em brasileiros e em italianos, ao se recordarem dos eventos que ali se passaram e que levaram à “nossa vitória final”.

Na sequência dessas memórias, apresentamos aos leitores um artigo com a expressão de carinho dos italianos pelos Liberatori, como eram chamados os soldados brasileiros durante a II GM. Depoimentos comoventes, mais uma vez, trazem à vida a memória dos Ex-Combatentes brasileiros que tão bem representaram o Brasil na Itália.

Com o intuito de trazer aos mais jovens a lembrança dos grandes feitos de nossos Pracinhas, foi realizada, em 21 de março, a primeira edição da Coluna da Vitória – evento de cunho histórico e acadêmico no qual comboios de viaturas militares,

muitas atualmente de propriedade particular, seguiram de São João del-Rei (MG) e Caçapava (SP) para o Rio de Janeiro, reproduzindo os roteiros originalmente percorridos pelos Pracinhas. Finalizando a Coluna da Vitória, no Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial (Rio de Janeiro), ocorreu um culto ecumênico campal em homenagem ao evento e ao encerramento das comemorações do Centenário de Nascimento do Capitão Capelão Frei Orlando, patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército, falecido na II GM.

Em sincronia temporal com a II GM, apresentamos um artigo sobre a Intendência da FEB no Teatro de Operações da Itália, que discorre sobre a estrutura logística, sua mobilização, seu desdobramento e as dificuldades enfrentadas pela FEB neste mister. Originalmente organizada segundo a doutrina da Missão Militar Francesa de 1919, a Intendência viu-se obrigada, ante o engajamento na Guerra, a sofrer adaptações, uma vez que a FEB estava subordinada ao V Exército Norte-Americano. Esta subordinação veio a trazer grandes modificações ao Serviço de Intendência do Exército Brasileiro.

Do passado ao presente, destacamos o Jubileu de Prata do Prêmio Nobel da Paz, do qual foram ganhadores as forças que participaram das Missões de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU) de 1948 a 1988. O texto traz uma síntese histórica da Força de Emergência da ONU que operou no Oriente Médio – a UNEF I. Depois da Missão

das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), a UNEF I foi a força brasileira que mais tempo se deteve em uma missão de paz. Este contingente militar ficou conhecido como o Batalhão Suez.

Ainda quanto ao presente, abordamos a temática dos Cães de Guerra do Exército Brasileiro, companheiros fiéis dos nossos soldados em missões peculiares da Polícia do Exército e da nossa tropa paraquedista. Alertamos, também, sobre os riscos da rabdomiólise – doença traíçoeira e presente nestes tempos de mudanças climáticas –; o I simpósio de Atendimento Pré-Hospitalar Tático, ocorrido no 17º Batalhão Logístico Leve; e a participação do Departamento de Engenharia e Construção na **Brazil Road Expo**, a maior feira de infraestrutura viária e rodoviária do País.

Fechamos nossa edição com a união do passado e do futuro, com um dos Personagens de Nossa História, o Coronel Iporan, e com dois artigos sobre o desempenho dos alunos de nossos Colégios Militares na Banda de Música e na Olimpíada Internacional de Matemática. Com isso, esperamos ter disponibilizado uma seleção de textos bastante agradável, instrutiva e verdadeiramente tocante. Que o nosso passado não seja esquecido e que nosso futuro seja de esperança.

Uma ótima leitura.


Gen Bda Otávio Santana do Rêgo Barros
Chefe do CCOMSEx

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO (CCOMSEx)

Chefe do CCOMSEx:
Gen Bda Otávio Santana do Rêgo Barros

Subchefe do CCOMSEx:
Cel Cav QEMA Nilson Kazumi Nodiri

Chefe de Produção e Divulgação:
Cel Inf QEMA José Herculano Azambuja Junior

CONSELHO EDITORIAL
Cel Art QEMA Valdir Câmpelo Junior
Cel Inf QEMA José Herculano Azambuja Junior
Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

SUPERVISÃO TÉCNICA
Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

REDAÇÃO
Maj QCO Maurício Infante Mendonça

PROJETO GRÁFICO

1º Ten QAO Adm G Osmar Leão Rodrigues
2º Ten QAO Adm Valmir José Kerkhoven
1º Sgt Inf Djalma Martins
1º Sgt Art Juliano Bastos Cogo
2º Sgt Inf Fabiano Mache
Sd Igor Henrique Kukulka de Mendonça

DIAGRAMAÇÃO

1º Sgt Art Juliano Bastos Cogo

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO

Oliveira & Nunes Gráfica Ltda – ME,
QSA 25, Lt 01, Sala 203, Taguatinga Sul,
Taguatinga-DF
CEP 72.015-250 – Tel. (61) 3562-3554
graficaescaladfi@gmail.com

PERIODICIDADE

Trimestral

TIRAGEM

30.000 exemplares – Circulação dirigida
(no País e no exterior)

FOTOGRAFIAS

Arquivo CCOMSEx

JORNALISTA RESPONSÁVEL

1º Ten QCO Rômulo Teixeira Farias

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo
70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF
Telefone: (61) 3415-4673 – Fax: (61) 3415-4399
redacao@ccomsex.eb.mil.br

Disponível em PDF na página eletrônica:

www.eb.mil.br

NOSSA CAPA



Nossa Capa: fotomontagem com imagens da
2ª Guerra Mundial

É permitida a reprodução de artigos, desde que citada a fonte, exceto de matérias que contiverem indicação em contrário.



Sumário

Acompanhe nesta Edição

- 06** Mensagem da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira
- 08** Participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial - 70 Anos
- 12** Nossa Vitória Final... As Asas do meu Ideal...
...A Glória do meu Brasil
- 15** Liberatori
21 Coluna da Vitória 2014
24 A Intendência da FEB nos campos da Itália
- 29** Encerramento das Comemorações do Centenário de Nascimento do Capitão Capelão Militar
Antonio Alvares da Silva
- Frei Orlando - Soldado da Fé
- 32** Nossas OM: 1º Batalhão de Infantaria Motorizado
Escola (Regimento Sampaio)
- 36** Jubileu de Prata do Prêmio Nobel da Paz
- 42** 55º International Mathematics Olympiad
- 43** Rabdomiólise - Medidas de Segurança-AMAN
46 Os Cães de Guerra do Exército
- 50** A Banda de Música do Colégio Militar de Brasília
- 54** Sistema Antiaéreo de 35mm Gepard M1A2
- 56** Atendimento Pré-hospitalar no
17º Batalhão Logístico Leve
- 64** O Departamento de Engenharia e Construção na
Brazil Road Expo 2014
- 66** Personagem da Nossa História:
Coronel de Infantaria Iporan Nunes de Oliveira





Espaço do Leitor

redacao@ccomsex.eb.mil.br

“ A Revista Verde-Oliva tem a importante finalidade de levar ao conhecimento dos associados adesguianos as notícias da Força Terrestre, com a transmissão e difusão dos conceitos atualizados dos seus editoriais e matérias técnicas do nosso Exército Brasileiro. Por não receber as publicações referentes ao exercício de 2013, ficaríamos agradecidos com a possibilidade de sermos agraciados com esses exemplares, os quais dariam sequência aos demais arquivados no setor. Atenciosamente,

Procurador Marcos Luiz da Costa Cabral
Delegado da ADESG/PE

“ Sou Oficial R/2 de Comunicações, Turma de 2001 do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva/Recife. Estagiei no 4º Batalhão de Comunicações do Exército, fiz curso na extinta Escola de Comunicações e servi até o último dia do meu tempo de serviço no Parque Regional de Manutenção/12ª Região Militar. Hoje, sou Coordenador de Operações de Segurança Privada em uma empresa de segurança multinacional e, apesar da distância, não deixo de vibrar com a Força Terrestre. Peço o envio de exemplares da Revista Verde-Oliva.

Marcio Eduardo Fialho da Silva (1º Ten R/2 Com)
Jaboatão dos Guararapes (PE)

“ Admiro e sou apaixonado por nossa Força Terrestre. A Revista Verde-Oliva é importante porque dissemina as tradições e os valores do nosso renomado Exército Brasileiro. Sugiro a publicação de artigos apresentando os Colégios Militares, tal divulgação é essencial para mostrar os elevados índices educacionais dos 12 Colégios. Gostaria de receber publicações para coleção. Obrigado.

Gleiton de Souza Vasconcelos Gomes
Fortaleza (CE)

“ Em primeiro lugar, quero externar a minha satisfação e a minha felicidade de poder ler e admirar, na Revista Verde-Oliva, tudo aquilo o que tange ao nosso egrégio Exército Brasileiro. Sem qualquer tipo de demagogia ou qualquer coisa que o valha, sem a presença do nosso Exército, principalmente nas bordas de nossas fronteiras, seria muito difícil a participação do Estado brasileiro naquelas localidades. Pois bem, em algum tempo passado, eu pude ver na fronteira da cidade de Tabatinga (AM) a operacionalidade e a mobilidade do nosso Exército, que faz de fato e de direito a ação cívico-social acontecer. Fazendo algumas perguntas daqui e dali para alguns locais, fiquei sabendo que, sem a presença maciça de apoio do 8º Batalhão de Infantaria de Selva na cidade de Tabatinga, ficaria muito difícil a subsistência dos moradores locais residentes naquelas paragens próximo aos Pelotões de Fronteira. Parabéns Exército Brasileiro e aos seus combatentes que “fazem aquilo por que gostam e o sabem fazer muito bem”.

Rubens Torres

“ Tomei conhecimento da Revista Verde-Oliva através da Internet e achei seu conteúdo muito interessante. Como admirador do nosso Exército e de suas atividades, gostaria de saber da possibilidade de receber exemplares da referida revista.

Solicito informações a respeito. Atenciosamente;

Armando Eugenio Tozoni

“ Sou reservista e prestei, como voluntário e com muito orgulho, o Serviço Militar, no ano de 1992, no Regimento Deodoro da Fonseca, sediado na cidade de Itu (SP). Nesse período, recebi os melhores ensinamentos para prosseguir na vida fora das fileiras do Exército. Atualmente, atuo na área de segurança e, graças a esses ensinamentos, sou bem sucedido profissionalmente. Peço exemplares da Revista Verde-Oliva.

Nilton Perez Mantovani

Prezado Leitor,

Não esqueça. O envio de sua opinião pelo e-mail redacao@ccomsex.eb.mil.br é importante e necessária à melhoria dos produtos de Comunicação Social da Força Terrestre.

Equipe Verde-Oliva



MENSAGEM DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

(ANVFEB) DIREÇÃO CENTRAL

A Força Expedicionária Brasileira e os 70 anos do desembarque do primeiro escalão na Itália

A cada 16 de julho, nossos pensamentos voltam-se para aqueles bravos. Transcorridas sete décadas daquele distante 1944, a memória dos seus feitos continua ainda atual.

O Brasil, País pacífico e ainda rural, fora agredido. Mais de trinta navios mercantes torpedeados, 549 tripulantes e 502 passageiros desaparecidos. Um mil e cinquenta e uma preciosas vidas brasileiras foram perdidas. Histórias dramáticas, como a do 7º Grupo de Artilharia de Dorso, deslocando-se do Rio de Janeiro para o novo aquartelamento de Olinda (PE), a bordo do Baependi, onde viajou o Comando; e do Itagiba, onde seguiu o restante da tropa, ambos torpedeados e com perda imensa e quase total da Unidade, que teve apenas 12 sobreviventes.

O povo nas ruas exigiu que a Nação reagisse, uma história fantástica que começou com os estudantes à frente, naquela época ainda sem as caras pintadas, tomando as ruas a exigir uma resposta à altura. Finalmente, em 31 de agosto de 1942, o Governo Vargas reconheceu o estado de beligerância com as potências do Eixo.

O Brasil inteiro se mobilizou, formando ao lado das demais 18 Nações Aliadas. Nossas matérias-primas e materiais estratégicos foram fundamentais para apoiar a luta contra o nazi-fascismo. A Base Aérea de Natal desempenhou relevante papel estratégico para levar tropas e suprimentos para a África e o Oriente, transformando-se no trampolim da vitória.

Logo iniciamos a formação de uma força expedicionária, reunindo 25 mil homens do Exército, 500 da Força Aérea Brasileira (FAB) e cerca de 80 enfermeiras do Exército e da FAB, que iriam escrever páginas de glória no teatro de operações europeu.

Aos 16 de julho de 1944, desembarcou na Itália o primeiro dos cinco escalões que formariam a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Uma façanha impressionante, que até nos dias atuais seria digna de nota. Um motivo de orgulho para a nacionalidade.

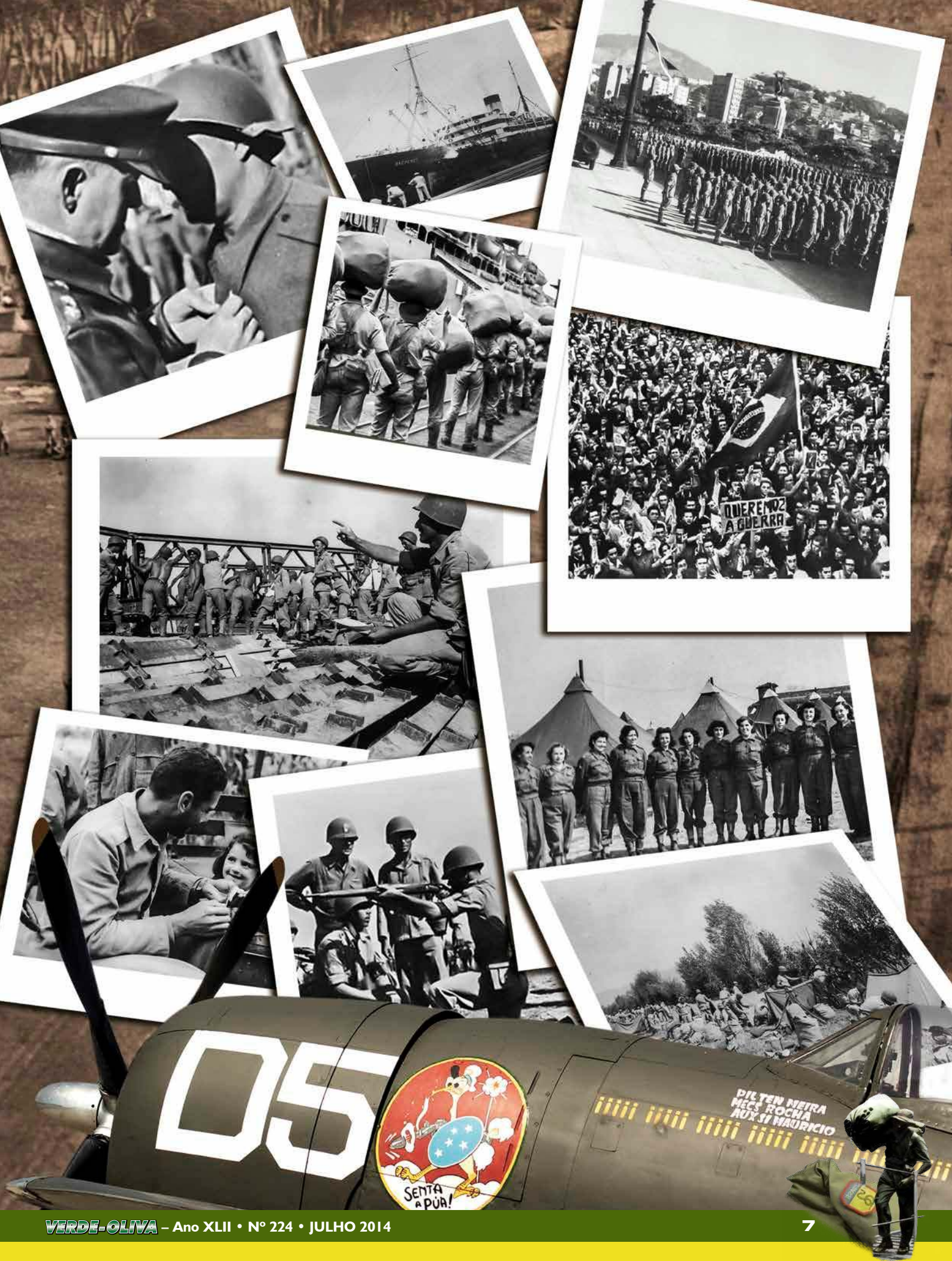
Nos meses seguintes, a FEB se destacaria nos combates, como o de **Monte Castello**, atacado quatro vezes por tropas brasileiras e pela 10ª Divisão de Montanha americana, em novembro e dezembro de 1944, com penosos avanços da Infantaria pela neve e pela lama, sob fogo pesado. Clássica situação dos manuais: o inimigo tem a vantagem da altura. Mesmo assim, alguns pelotões conseguiram atingir o cume do monte, tendo de se retirar após sofrer pesadas perdas. Um dos batalhões teve 15% de baixas entre mortos, feridos e desaparecidos.

A vitória final veio no quinto ataque. Com apoio do 1º Grupo de Caça, do Senta-a-Pua e da Artilharia Divisionária, o 1º Regimento de Infantaria (1º RI) – Regimento Sampaio – finalmente conquistou as casamatas da cota 977 do **Monte Castello**, resistindo à fadiga e ao frio, entrincheirando-se para a eventualidade do contra-ataque alemão que jamais chegou. A vitória era nossa!

O Brasil se orgulhou dos seus Pracinhas, que enfrentaram os nazistas na neve das escarpas sob fogo de metralhadoras e morteiros do alto, levando apenas o armamento, a própria razão e a coragem exemplar.

Passados 70 anos, a união nacional e a luta dos nossos bravos soldados na 2ª Guerra Mundial assume um significado cada vez mais atual. O exemplo de sacrifício pela Pátria, tão necessário nos dias de hoje, ficou na História como o maior legado da FEB para todos os brasileiros. 🇧🇷

General de Divisão R/1 Marcio ROSENDO de Melo
Presidente da ANVFEB



PARTICIPAÇÃO DO BRASIL 70 ANOS

Nos dias 19 e 20 de março de 2014, foi realizado, na cidade de São João del-Rei (MG), o III Seminário Nacional sobre a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial (III SENAB – 2ª GM), coordenado pelo Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiME), segundo metas e orientações estabelecidas pela Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx).

Na oportunidade em que se comemoram os 70 anos do embarque da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para o teatro de operações da Itália, o III SENAB – 2ª GM teve por objetivo principal reunir professores, pesquisadores, estudantes e o público

civil e militar para expor e discutir os resultados de suas avaliações sobre a participação do Brasil nesse grande conflito.

As palestras e os respectivos debates tiveram lugar no auditório da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), com a presença de cerca de 100 participantes, entre autoridades civis e militares das Forças Armadas e das Forças Auxiliares, profissionais da área de História, docentes, discentes e representantes de outras instituições convidadas.

Aproveitando o acervo da FEB existente no museu do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha (11º BI Mth), e para melhor compreensão das informações recebidas nas diversas palestras, os participantes do seminário visitaram uma exposição de material de emprego militar do período estudado, montada na entrada do auditório da UFSJ.

Ainda com o objetivo de difundir ao máximo o conhecimento, a Biblioteca do Exército (BIBLIEX) montou um “stand” de vendas de livros por ela editados, enfocando, particularmente, a participação do Brasil na 2ª GM.

Diante da importância do evento, as palestras realizadas proporcionaram uma rara oportunidade aos participantes de aprofundar conhecimentos e reflexões sobre a presença das Forças Armadas brasileiras no referido conflito, com ênfase na criação, organização e no embarque da FEB para o continente europeu; na participação de cidadãos de São João del-Rei, incorporados ao 11º Regimento de Infantaria (11º RI); e, também, sobre o papel do “Pracinha” no conflito.

É digna de respeito e de admiração, a dedicação dos palestrantes e pesquisadores em busca de esclarecer e divulgar a História do tempo vivido pelos integrantes da FEB no território nacional e no teatro de operações italiano, no ano de 1944, empenhando-se em expor e discutir os resultados de suas avaliações.



Foto: 2º Sgt Marco Antônio

Stand da Biblioteca do Exército no III SENAB

L NA 2ª GUERRA MUNDIAL

SOLDADOS HERÓIS, SOLDADOS CIDADÃOS

Segundo o Professor Dr. **Jairo Braga Machado**, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN – São João del-Rei):

“É um dos objetivos da palestra reativar nossas memórias para que a participação do Brasil em um dos maiores conflitos mundiais não caia no esquecimento. Lembremos que os nossos soldados ajudaram a combater um dos regimes mais perversos e sanguinários de toda a história: o nazi-fascismo. Essa foi a nossa grande colaboração”.

“O Brasil foi a única nação sul-americana a participar com um contingente expedicionário no Teatro de Operações durante a Segunda Guerra Mundial. Além do mais, o País sediou a maior base aérea americana fora de seu território, em Parnamirim, no Estado do Rio Grande do Norte”.

“Em agosto de 1943, foi criada a FEB, formada pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e órgãos não divisionários, cujo comandante foi o General de Divisão **João Batista Mascarenhas de Moraes**. Em 1944, a FEB já se encontrava toda estruturada.

Contava com um efetivo de 25.334 homens e com uma frota de mais de 1.400 veículos fornecidos pelos aliados norte-americanos”.

“Dentre os três regimentos de Infantaria que compunham a referida DIE, estava o 11º RI, sediado na tradicional cidade mineira de São João del-Rei, onde se encontrava instalado desde o final do século XIX”.

“No dia 14 de março de 1944, o 11º RI partia, da gare ferroviária de São João del-Rei, em direção ao Rio de Janeiro, levando um contingente de mais de 3.400 homens.

À frente do comando estava o Coronel **Delmiro Pereira de Andrade**. Participaram das fileiras do Regimento brasileiros oriundos de todas as partes do País. Portanto, não é nenhum exagero afirmar que a sociedade brasileira estava muito bem representada na FEB”.

“Uma questão muito debatida e que é um dos pontos da referida apresentação é o grau de escolaridade dos nossos combatentes. Divulgava-se, inclusive no âmbito do

comando da FEB, que o contingente de combatentes possuía baixo grau de instrução escolar, dado que a maior parte dos soldados vinha de zona agrícola (**CASTELO BRANCO**, 1960). Segundo **Campiani**, trabalhos realizados a partir de 2000 demonstram que a maioria do efetivo da FEB era oriunda de zonas urbanas com grau de escolaridade satisfatório, uma vez que era condição *sine qua non* para integrar a campanha expedicionária o mínimo do quarto ano primário”.

“Para além dessas considerações de escolaridade, é importante observar a sensibilidade estética presente nos combatentes, como se pode notar na vasta produção literária, como diários, poesias e relatos sobre os quinze meses de campanha”.

“O outro ponto que vem corroborar com o bom nível da tropa são os jornais que foram editados e distribuídos no *front*, todos eles com espaços para participação dos soldados, como o **Cruzeiro do Sul**, órgão oficial e o **A Cobra Fumou** – produzido pelos soldados do 6º Regimento de Infantaria, de Caçapava (SP), Sampaio, A Tocha, O Globo Expedicionário e o **Vem Rolando, Brasil**. A respeito dos jornais relata **Rui Fonseca de Oliveira** ‘*Recebemos mais jornais, que distribuí ao pelotão, e eles passam de mão em mão tal é a sede de notícias*’. (**FONSECA**, 2004, p. 141)”.

“Além do mais, o número gigantesco de correspondências estabelecidas entre o Brasil e a Itália reforça essa constatação: ordens do dia, manuais de orientações, como cartas topográficas, demonstram o grau de instrução e alfabetização dos nossos soldados”.





“De acordo com **Campiani**, a maioria do efetivo da FEB estava concentrada nos estados do Sudeste, capitais e cidades medianas. Juiz de Fora (MG), Campinas (SP), Joinville (SC) e Petrópolis (RJ) contribuíram de maneira sistemática para os quadros da Divisão Expedicionária”.

“Outro fator que marcou profundamente a participação dos soldados brasileiros foi sua relação fraternal para com a população italiana. É sabido que uma parcela significativa dos soldados brasileiros era descendente de italianos. Isto ocorreu de forma mais acentuada nas fileiras do 6º RI, onde os sobrenomes italianos apareciam com uma frequência bastante relevante. Além disso, muitos italianos tinham parentes que residiam no Brasil. Provavelmente este fator, juntamente com a língua, seja um dos pontos para tentarmos explicar tamanha aproximação”.

“Além do mais, era comum o uso das cozinhas e casas italianas pelos brasileiros em confraternizações, nas quais alimentos como chocolates e outras iguarias eram divididos de maneira fraternal. Os italianos cediam os utensílios da cozinha como o fogão, tachos, talheres e, o mais importante, o conforto e o ambiente familiar; que, de certa forma, procuravam amenizar as feridas provocadas pela guerra”.

“Como cidadãos, após a guerra, os Pracinhas participaram ativamente de todas as comemorações alusivas à FEB; tinham grande orgulho de ter participado da campanha como combatente”.

“Portanto, a exemplo de **Cincinnatus**, cada soldado cidadão, apesar de todas as dificuldades vivenciadas, não só no período da guerra como em suas vidas, demonstraram um profundo compromisso e respeito para com a Pátria e a sociedade”.

“Temos plena certeza que nossos brasileiros foram soldados no sentido mais amplo do termo militar. Temos também plena convicção que foram cidadãos no sentido mais profundo e amplo de sua definição”.

O que levou a FEB para a Itália

Segundo o Professor **Cleber Almeida de Oliveira**, da Rede Pública de Educação do Estado de Minas Gerais:

“O que sempre me apaixonou na História Militar é que ela é escrita por pessoas que se dedicam à conservação da memória tanto das instituições como dos seus quadros, não tentando reescrevê-la de acordo com o contexto sociopolítico ou cultural e civilizatório, mas sim focando seus esforços na busca pelas suas raízes e sobre a verdade dos fatos, mesmo que tenham de ferir sua própria carne, pois buscam identidade e não afirmação ou satisfação”.

“Para melhor poder conduzir a temática e para ela não ficar enfadonha ou grande demais, me isento de tentar descrever os 70 anos do embarque da FEB para os campos da Itália; mas sim traçar uma visão do Brasil e do mundo que nos levaram à Segunda Guerra Mundial. São os seguintes enfoques: política e economia; a dança das relações internacionais; e que brasileiros (Febianos) foram para a guerra”.

Para tanto, o palestrante realizou abordagens sobre o contexto político e econômico no Brasil, as motivações brasileiras para decidir pela guerra, a FEB a caminho da Europa, Febianos: cidadãos heróis e pátrios.

Em suas considerações possíveis, nunca finais, ressaltou:

“No Brasil, os efeitos da decisão de se engajar com os Aliados contra as forças do Eixo na Segunda Guerra Mundial (SIC) teve consequências várias. Dentre elas, no campo

Vista aérea do acampamento da FEB em San Rossore Pisa - Itália, outubro de 1944





Foto: 2º Sgt Marco Antônio

econômico a Segunda Guerra Mundial teve efeitos diferentes sobre os dois principais setores da economia brasileira. Sobre o setor primário-exportador (TEIXEIRA, TOTINI, 1994, pp. 181-182), a guerra teve efeitos positivos: as exportações de café, algodão, açúcar, borracha e outras matérias-primas e produtos agrícolas aumentaram de preço e valor. Gigantes da economia nacional tiveram aí o seu nascedouro, como é o caso da Companhia Vale do Rio Doce, pois (DALLA COSTA, 2009, p. 94) a história da Vale – antiga Itabira Iron – está ligada ao contexto internacional da Segunda Guerra Mundial que

provocou uma forte demanda de matéria-prima e ao modelo de industrialização por substituição de importações adotada pelo Brasil e em plena implantação naquela época. A empresa nasceu para atender à demanda dos Aliados, sobretudo Inglaterra e Estados Unidos”.

“Por outro lado (TEIXEIRA, TOTINI, 1994, p. 182), a guerra teve efeitos menos positivos sobre o setor industrial: esse setor continuou crescendo, estimulado pelo aumento do consumo interno e das exportações – versão da década de 1940 do processo de substituição de importações vivenciados no período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) –; e a desorganização das economias dos países industrializados envolvidos no conflito fez crescer a demanda mundial de produtos manufaturados”.

“Emociono-me, sem constrangimentos, com o relato de Braga (1996, p. 317), com o mais do que feliz retrato do Febiano com que já me deparei, ao declarar que a FEB era bem um resumo do povo do Brasil, não só porque tinha soldados de todos os seus estados e de todas as classes sociais e níveis de cultura, como porque levava todos os defeitos e improvisações, todas as incoerências e mitos, todas as falas e virtudes desse povo. Mas estava convencido de que, dentro da modéstia de nossas forças, o Pracinha brasileiro deu o seu recado, cumpriu sua missão”.

Referências Bibliográficas

- BRAGA, Rubem. Crônicas da Guerra na Itália. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1956.
- CASTELO BRANCO, Manoel Tomaz. O Brasil na II Grande Guerra. BIBLIEx Editora, 1960.
- DALLA COSTA, Amândio. A Vale no contexto da internacionalização das empresas brasileiras. Paris (França): Editions Eska, Revista Entreprises et Histoire, nº 54, abr, 2009, p 86-106.
- FONSECA, Rui de Oliveira. Uma face de glória reminiscência e diário de campanha Força Expedicionária Brasileira – 1944/45. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha – 2004.
- MAXIMIANO, Cezar Campiani. Barbudos, sujos e fatigados soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Grua, 2010.
- TEIXEIRA, Francisco M. P.; TOTINI, Maria Elizabeth. História econômica e Administrativa do Brasil. São Paulo: Ática, 4ª ed, 1994.



NOSSA VITÓRIA FINAL...

Em Pistoia, turistas brasileiros iniciavam o percurso pela senda da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Aqueles turistas, além de brasileiros, eram, também, irmãos de armas, acompanhados de suas esposas, que se dispunham a visitar sítios até hoje marcados pela passagem e pelos combates travados por nossos sempre lembrados e queridíssimos

A viagem turística bem poderia ser batizada como exercício no terreno (ET) de História Militar, o ET do Vale do Rio Reno. A família militar aquartelou-se em excelente hotel do Exército Italiano. Um hotel de trânsito em **Florença**. Não poderia ter sido melhor a escolha, posto que visitar aquela pérola da renascença italiana permitia ainda desfrutar da cidade na qual o General **Truscott**, substituto do Gen **Mark Clark** como Comandante do V Exército, instalara seu posto de comando (PC). Em **Florença**, estiveram, durante a guerra, os Generais **Dutra** e **Mascarenhas**. Visitá-la significou ajoelhar-mo-nos e rezarmos na Igreja de **Santa Maria Novella**, na qual também se persignou e orou o Comandante da FEB³.

Monumento "LIBERAZIONE"



Foto: Cel Medina

¹ – Versos da Canção do Expedicionário, cuja letra é de Guilherme de Almeida e a música, de Spartaco Rossi.

² – Versos da Canção do Expedicionário, cuja letra é de Guilherme de Almeida e a música, de Spartaco Rossi.

³ – Memórias do Marechal Mascarenhas de Moraes, volume II. BIBLIEx e Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1969.

⁴ – Verde-Oliveira, Edição Histórica. 50 Anos de Glória. Exército Brasileiro. Brasília, 1995.

Em **Pistoia**, pela aposição de flores no Monumento Votivo Brasileiro, homenageamos aqueles que tombaram pela causa da liberdade e que, por seu gesto, honraram o juramento de inteira dedicação ao serviço da Pátria, juramento proferido por todos nós, militares brasileiros, "... cuja honra, integridade e instituições defenderei com o sacrifício da própria vida". Naquele Monumento repousam os restos mortais de um combatente brasileiro desconhecido, encontrados em **Montese**, muitos anos após a Guerra, mas que não puderam ser identificados⁴.

Em **Pistoia** começamos a compreender em sua plenitude o significado da "Nossa Vitória Final... As asas do meu ideal... A glória do meu Brasil..." A presença de autoridades italianas, municipais e regionais, todas com mensagens de cumprimentos fraternos; de agradecimentos sinceros pelo generoso sangue derramado; de autêntica alegria em receber a comitiva de brasileiros; de honra aos soldados brasileiros, na guerra representados pelos Pracinhas; e, durante nossa visita, por nós mesmos e nossos adidos, que nos acompanharam e orientaram em cada sítio. Ali estávamos como descendentes dos guerreiros da liberdade. Os soldados-adidos, evidenciando relacionamento fraterno com os italianos, demonstravam para os soldados-turistas como foram se tornando cada vez mais sólidos os laços de amizade tecidos durante



Foto: Cel Medina

...As asas do meu ideal... A glória do meu Brasil.

Autor: Gen Ex R/1 Paulo Cesar de Castro
Ex-chefe do DEP (atual DECEX)

Foto+: Google Earth

Pracinhas. Aqueles turistas e irmãos de armas eram quase todos do Exército. Perfeitamente integrados ao grupo e, também, com suas esposas, um oficial aviador da Força Aérea Brasileira e dois generais do Exército Uruguaio, um dos quais ex-aluno da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

os dias de guerra e privação, sempre fortalecidos ao longo dos tempos pelas mútuas e sucessivas demonstrações de amizade, ano a ano trocadas entre os toscanos e os militares brasileiros.

As emoções foram se sucedendo. Assim, em **Monte Castelo**, **Montese**, **Castelnuovo**, **Zocca**, **Fornovo** e **Collechio**. A Bandeira Brasileira hasteada ao lado do pavilhão italiano, os monumentos aos nossos homens de armas e as placas recordatórias da luta pela Libertação da Itália – denominação pela qual os italianos se referem à 2ª Guerra Mundial – perpetuam a passagem da FEB por aqueles rincões e mantêm viva a chama daquela amizade especial e eterna forjada nos campos de batalha.

Monumento ao Frei Orlando em Bombiana



O momento em que o Embaixador do Brasil na Itália, Ricardo Neiva Tavares, realiza o hasteamento da bandeira do Brasil

Foto: Cel Medina



Ratificamos, *in loco*, que não apenas as tropas aliadas lutaram contra os inimigos nazista e fascista: inspirados pelo mesmo ideal, ali também combateram guerrilheiros locais, os *partigiani*. Imagine o leitor a forte e inesquecível emoção de ouvir, ao sermos recepcionados em **Castelnuovo**, a voz embargada pelo choro contido e de receber o abraço ainda firme e sinceramente reconhecido do Senhor **Lino**, um

octogenário *partigiani*, que pelejou ombro a ombro com a tropa brasileira.

A emoção se renova quando visitamos as sedes governamentais daquelas paragens, nas quais encontramos o pavilhão do município, o gonfalão, como o chamam, ostentando a Medalha do Pacificador outorgada pelo Exército Brasileiro, lado a lado com medalhas concedidas por associações de veteranos e de Ex-Combatentes do Brasil. E é preciso falar dos museus, nos quais fotos, mapas e peças da época marcam nossa contribuição para a libertação daquele povo.

Voltando ao ET de História Militar, foi marcante a oportunidade de reconhecer vias de acesso de batalhões, PC da 1ª Divisão de Infantaria do Exército (1ª DIE), objetivos, limites e outras medidas de coordenação e controle; a par de identificar e de assimilar, no próprio terreno, as manobras montadas por nossa Divisão, como os ataques coordenados a **Monte Castelo**, a **Castelnuovo** e a **Montese**, de cuja torre foi possível entender, perfeitamente, porque o Marechal

Toque de silêncio em homenagem aos **Pracinhas** falecidos em **Monte Castelo**



Foto: Cel Medina

Mascarenhas de Moraes considerou a posse dessa localidade a chave para a conquista do vale do Panaro. E, com a mesma clareza, visualizamos as manobras de aproveitamento do êxito, em **Zocca**, e a de perseguição, em **Collechio-Fornovo**.

No mesmo local em que foi assinada a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, em **Pontescodogna**, festejamos “Nossa Vitória Final...” e desfrutamos do merecido repouso pós-exercício no terreno.

Não podemos omitir a emoção de ouvir palavras de alguns italianos que não se cansavam de elogiar o comportamento da tropa brasileira, cujos homens eram conhecidos por tratarem muito bem as famílias italianas e com elas compartilharem as próprias refeições. Esta é a maneira de ser do soldado brasileiro, bravo e solidário, audaz e amistoso, patriota e compreensivo, criativo e comunicativo, atributos que tanto têm marcado nossa atuação, não apenas naquelas paragens durante a II Guerra Mundial, mas também em São Domingos, Angola, Moçambique, Timor Leste e, hoje, no Haiti.

Foi assim que “a Cobra fumou”!

É assim que “a Cobra continua fumando”!

E foi assim que a FEB conquistou “Nossa Vitória Final...!” Foi assim que ela escreveu para as gerações dos soldados de hoje o que são “... As asas do meu ideal...!” Foi assim que legaram para os homens e mulheres de armas do Século XXI a lição de como se constrói “... A glória do meu Brasil...!”



“LIBERATORI”

Autor: 1º Ten SIRIO Sebastião Fröhlich
Historiador Militar

Com relatos de italianos que conviveram com os Pracinhas da Força Expedicionária Brasileira, o autor leva aos leitores como os heróis brasileiros da 2ª Guerra Mundial, em decorrência de uma convivência fraterna com os cidadãos italianos e pela capacidade de se adaptarem às difíceis condições do combate e destemor para enfrentar um inimigo forte e aguerrido, conquistaram o título de Liberatori.

Em todas as guerras, a população indefesa é quem mais sofre. Destruição, miséria em todos os sentidos, fome, humilhações e confisco de bens são algumas das provações a que é submetida. Entre 16 de julho de 1944 (chegada do 1º escalão brasileiro a Nápoles) a 19 de setembro de 1945 (embarque do último escalão para o Brasil) 25.354 brasileiros participaram da 2ª Guerra Mundial, na Itália. Entre os veteranos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) é comum ouvir sobre o convívio fraterno com a população. Nesse contato, aprenderam e agregaram muitas palavras italianas ao seu linguajar. Uma das mais significativas é *Liberatori* – Libertadores, na tradução literal.

que merecia cuidado especial. Em ambos os quesitos, os brasileiros saíram-se muito bem. Vários italianos relataram comoventes histórias que evidenciam porque, transcorridas quase sete décadas, os brasileiros são reverenciados como heróis e esclarecem porque se tornaram merecedores do título de libertadores, objetivo maior deste artigo.

O SOLDADO CIDADÃO

Na guerra, o medo é companhia constante dos soldados e da população. Enquanto avançavam no terreno, os brasileiros se hospedavam em casas italianas, propiciando uma relação benéfica para todos: para os italianos representava comida, segurança e solidariedade; para os brasileiros, conforto no rigor do inverno e o aconchego substituto da família distante. Para as crianças, o medo se multiplicava e se transformava em pavor, inflado pela propaganda; por isso, recebiam maior atenção. O tempo passou; contudo, não se esquecem da mão que as confortou na dificuldade. Perdas e eventuais ganhos permanecem vivos na memória e são externados em depoimentos emocionados, que comprovam que os sentimentos forjados no calor da guerra, mesmo em terras geladas, são para a vida inteira.



Foto: MNMSGM

Brasileiros recepcionados com festa

A partir de 20 de setembro de 2012, no cenário dos combates, foi possível confirmar o quanto foi difícil a missão da FEB. O terreno acidentado evidencia dificuldades; se acrescentarmos a ele adversários adestrados e condições climáticas desfavoráveis, não restam dúvidas sobre as barreiras vencidas pelos pracinhas ao longo dos cerca de 400 quilômetros percorridos e centenas de vilas e cidades libertadas. Havia um adversário a combater, que exigia preparo e atenção impecáveis; havia a população a proteger,



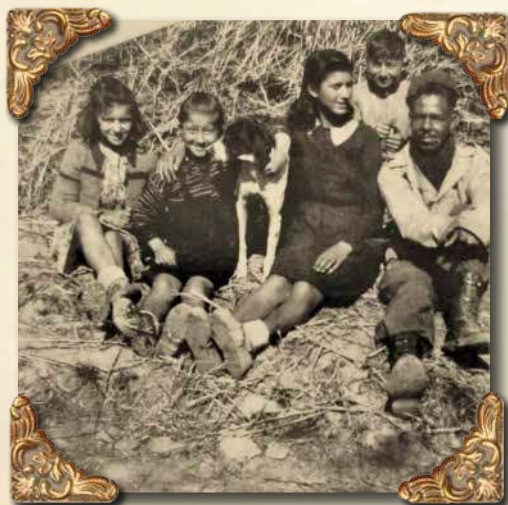
Foto: AHEx

A neve — mais um obstáculo a ser vencido



Giuseppina Malfatti expressa o horror da guerra, mas deixa transparecer o carinho e a atenção recebidos quando criança. “Durante a Guerra, eu era muito pequena, mas tenho recordações muito vivas, muito fortes. Nós vivemos todo o terrível período de 1943/44 ao longo daquela que se chamava Linha Gótica. Vimos queimar **Sant’Anna di Stazzema** (aldeia em que foram cruelmente mortas mais de 500 pessoas, entre crianças, idosos e refugiados, em agosto de 1944, pelos nazifascistas); tivemos parentes – a minha avó paterna... – mortos pelos alemães. Guardo a lembrança das nossas fugas nos bosques, perseguidos pela SS com **cani lupo** (pastor alemão). Por anos, eu não pude suportar os cães...”.

Seu encontro com os brasileiros deu-se em um dia chuvoso de setembro de 1944, quando eles chegaram à casa de sua avó e pediram hospedagem. “Naquele momento, começou a nossa ressurreição.” [...] “Nós, crianças, éramos cinco: três irmãos e dois primos; aproximamo-nos com muita curiosidade desses soldados, que nos deram pães com geleia. Eu acredito que aquilo tenha sido para nós ‘o’ presente. Ou seja, há anos não comíamos coisas doces.” [...] “Era uma geleia de cereja escura, que nunca vou esquecer. Davam-nos algumas caixinhas; talvez carne com verduras, com ervilhas. Ocasionalmente, essas caixinhas nos eram presenteadas e nós apreciávamos muitíssimo porque a fome era tanta.” [...] “As sensações das crianças são completamente distintas das dos adultos. A libertação, a liberdade, e, finalmente, o fim do medo correspondiam ao fato que de podíamos comer doces novamente...”.



Superada a desconfiança, prevaleceram a amizade e a integração

Durante o longo convívio, o medo dos brasileiros – sobretudo dos negros, com os quais ainda não tinha convivido –, que havia sido fomentado pela propaganda fascista, transformou-se em confiança: “Porém me lembro, devo dizer... eram muito bons, mais que todos; e mais benevolentes. Uma prima, recordo que brincava (com eles), porque nós tínhamos dois tios prisioneiros – um na Rússia e outro na Alemanha

–; portanto, dois primos não tinham os pais em casa.” [...] “E estes rapazes, acredito, eram jovens, mas eram muito afetuosos com nós, crianças, e em particular com os priminhos que não tinham os pais em casa”. Em parte, Giuseppina atribui a atenção e o destemor dos pracinhas à religiosidade: “Minha avó era uma pessoa muito altruísta, muito generosa, e perguntava a esses rapazes se eles não tinham medo; e eles diziam: ‘Não, porque tenho fé no coração!’”.

Giancarlo Maciantelli, que encontrou os brasileiros em **Granaglione**, confirma: “A propaganda fascista tinha colocado em nossa cabeça algumas teorias... e tinha as tropas de cor, que foram marcadas, definidas... Disseram que eram selvagens. Bem... essencialmente, disseram que comiam crianças, para podermos entender. E, portanto, no primeiro contato com essas tropas de cor, brasileiras, houve um pouco de desconfiança: as mulheres se trancavam em casa; nós, crianças, procurávamos permanecer longe. Depois, notamos que eram soldados de bom coração, tranquilos, cordiais, que procuravam as crianças para dar carinho, para dar chocolates...”.

Maciantelli reforça a integração entre os italianos e os brasileiros que, ao invés de dormirem nas trincheiras geladas, ficavam nas casas: “Ali nos contavam um pouco de suas famílias no Brasil, da saudade, que era muita. Uma vez estabelecida a confiança, se desencadeava toda aquela alegria brasileira, que podia aparecer de uma caixa de fósforos... tum, tum, tum, tum, tum, tum... a bater em painéis de alumínio, de lata, com bastões, para fazer um pouco de ritmo. Era uma diversão, um passatempo. Ao sentirmos esta cordialidade, a gente se ligava mais e mais a esses soldados. Não existia mais o medo... dos negros que comiam crianças, como nos diziam os jornais fascistas”.

Valentino Betti tinha 10 anos na época da guerra. Morava a dois quilômetros de **Gaggio Montano**, numa pequena aldeia onde se localizava a cozinha dos brasileiros. Recorda que alguns se destacavam pela atenção que davam às crianças: “Tinham bom coração... Eu penso neles todos os dias... Éramos fascinados e estávamos sempre com eles”. Após muitas histórias e longo convívio, restou o sentimento de perda ao fim da guerra: “Nós ficamos esperando que chegasse alguma correspondência, mas nunca chegou nada. Nós nos tornamos verdadeiramente amigos, e eles foram embora...”.

Iolanda Marata conviveu com os brasileiros em **Preccaria** por longo período. Sua mãe preparava a comida para os soldados e todos comiam juntos, em harmonia. Recorda que seu pai havia enterrado algumas caixas com grãos e outras com garrafas de vinho, que desenterrava e bebiam juntos. “Sempre foram bons, respeitosos; seja com a família, seja comigo, que era uma garotinha. Chocolate... quanto chocolate eu comi!” O convívio era familiar e incluía assistência médica para quem necessitasse. Com alegria e gratidão conclui: “Sempre foram bons e gentis com todos... Não devemos nunca nos lamentar”.

Os irmãos **Vittorio** e **Bianca Bernardi** perderam o pai, assassinado pelos alemães em 1944. Sem contar com o apoio dos familiares, abandonaram a cidade com a mãe e outros moradores, indo buscar refúgio em **Porreta Terme**. No grupo havia cerca de dez crianças. Na primeira manhã, foram à praça e, para sua admiração” – relata **Vittorio** –, “os brasileiros deram de comer às crianças antes de servirem a eles mesmos. Os brasileiros, em suma, sempre nos consideraram, nos deram de comer, deram cobertores; sempre nos trataram bem, bem, bem... Digo bem não porque vocês são brasileiros, mas porque era assim... Davam-nos sempre formas de pão; aquele pão branco, macio...”.

Bianca afirma que, além da comida que recebiam no entorno do acampamento e da que o irmão levava para casa, à noite alguns soldados levavam um pouco de pão, potes de queijo fundido, chocolates, frutas em potes, além de algumas peças de vestuário e calçados. Por esses motivos se emociona a cada vez que vê um brasileiro. Traz viva a lembrança do afeto, do acalanto: “... aqueles militares me pegavam nos braços e diziam: ‘venha aqui comigo, pois amanhã à noite te trago chocolate... Agora vem aqui cantar comigo’. Eu não esquecerei nunca... Mesmo porque, sabe, a falta do meu pai pesava... e encontrar alguém que me pegasse nos braços era uma grande coisa...”. “E foi assim. Eles nos trataram bem... como senhores. Nós podemos dizer – eu tenho setenta e três anos e espero que acreditem em mim – que fomos tratados melhor pelos brasileiros e pelos americanos do que pelos nossos parentes... com isto eu disse tudo”, conclui.

Desafiada pelo marido **Giancarlo**, **Bianca** pede a ajuda do irmão. Juntos, cantam: “Quem parte leva saudade de alguém, que fica chorando de dor, por isso não quero lembrar quando partiu meu grande amor... Ai, ai, ai... está chegando a hora; o dia já vem raiando meu bem; eu tenho de ir embora...”. A emoção cala suas vozes. **Bianca** complementa: “A música nos faz lembrar deles. Eles nos ensinaram... vinham a nossa casa à noite e diziam: ‘Agora vamos cantar para ter um pouco de alegria’. E pensem! Eu tinha cinco anos, não mais do que isso”. **Vittorio**: “Não lembro bem do nome; lembro daquele da cozinha, daquele negro que se chamava **Quim**. Certas coisas

não se pode esquecer. Quando nos jogavam uma forma de pão branco, que nós comíamos como açúcar, como doces... Rapazes, Acreditem em mim! Precisariam passar por isso para saber...”.

Giuliana Menichini diz que a vida na guerra é como uma medalha; tem sempre dois lados: “não é tudo negativo e nem tudo é positivo; porém, naquele período prevaleceu o medo, o sofrimento”. A primeira impressão que teve dos brasileiros foi muito boa, sobretudo de retomada da liberdade.

Giuliana compara outros soldados aos brasileiros: “A diferença é que os brasileiros não davam... eles dividiam! Se tinham café, levavam café em casa... se tinham chocolate, levavam chocolate em casa... o mingau, o pão branco. Era uma divisão, o que era muito diferente. Era como confraternizar com os brasileiros; eles se integraram logo à família; acredito que a origem latina ajudou. Era uma convivência muito boa; familiar”.

Fabio Gualandi nasceu em 1935, em **Gaggio Montano**. O seu depoimento expressa a crueza da guerra e, em contrapartida, a solidariedade. “Durante o passar da guerra aconteceram coisas muito, muito... terríveis! Matanças... a vida não valia nada... Era um número... se pensava em um número e pronto: sobraram dez, sobraram oito...”. [...]

“O soldado brasileiro chegou aqui em primeiro de novembro. E chegou não como um exército de conquista. Compreendeu rapidamente a situação dos habitantes que, depois de tanto tempo, festejavam a libertação...”.

Gualandi diz que a população, tendo em casa os soldados, se sentia segura, protegida. Foram cinco meses de convívio a um quilômetro da Linha Gótica. “E realmente todos, nesta região, se lembram dos soldados brasileiros com afeto e com bondade. De um dia para o outro, de viver com medo, de viver com pouca comida... quando eles chegaram, chegou a comida, chegou o chocolate, chegou tudo! E se tornaram, o soldado, a população e a comunidade verdadeiramente amigos”. “Os brasileiros nos deram um pouco do bem da vida, de viver”. “Por isso”, diz, “quando os Pracinhas chegam à Itália são acolhidos por todos; é a forma de externarem a gratidão. Os Pracinhas merecem! Foram, naquela época, verdadeiros amigos... Só com a vinda dos brasileiros é que começamos a viver e a reviver, amar a vida, ter amigos, todas aquelas belas coisas...”, conclui **Gualandi**.



Médico brasileiro assiste à criança italiana



OS GUERREIROS

Ao chegarem à Itália, os soldados brasileiros tiveram de se adaptar rapidamente ao clima adverso e ao terreno acidentado. Além disso, o armamento e o fardamento eram desconhecidos. Apesar das condições desfavoráveis, mesmo sem o preparo adequado, assumiram a missão. Italianos da resistência, que participaram da guerra ao lado dos brasileiros, admiram-nos pelo denodo com que encaravam o inverno gelado e o inimigo mais bem preparado e ambientado àquele cenário.

Para **Giancarlo Maciantelli**, os brasileiros eram admiráveis. “Esses soldados diziam: ‘nós saímos de 40 graus do Rio de Janeiro...’ Eu sei! E, quando chegaram aos Apeninos, eram -15 graus... Depois, naquele ano, veio abaixo uma avalanche de neve... nem todos tinham visto neve, tido experiência de frio... E isso trouxe o congelamento de pés, congelamento de mãos, resfriados, bronquites, todas as doenças... Quando chegavam até nós, nas nossas casas de montanha; não tinha sistema de aquecimento, tinha a lareira... Todos ‘grudados’ ao fogo para esquentarem. Faziam patrulhas e vinham se esquentar nas nossas pobres casas de camponeses da montanha”.



Foto: AHEX

Lares italianos eram refúgio acolhedor no rigor do inverno

Moreno Costa tinha 18 anos quando teve contato com os brasileiros, em **Camaione**, em 18 de setembro. Para ele, os brasileiros são admirados, sobretudo pelos mais idosos, não só pelo senso humanitário na relação com a população sofrida, mas também pela seriedade que demonstravam nas

ações em que tiveram participação. Mesmo que os alemães já houvessem abandonado **Camaione** quando a FEB chegou, Costa resalta a importância dos brasileiros pela segurança que proporcionaram: “Foram eles que ocuparam e protegeram as instituições, como a prefeitura e outros prédios públicos”. Acrescenta que os brasileiros estiveram em várias cidades da **Alta Versiglia**, para as quais a população só retornou após a chegada dos Pracinhas. Inquirido por que os brasileiros são considerados libertadores, Costa é enfático: “Bem, não é que são considerados ou os consideramos libertadores... eles são libertadores”.

Franco Fini estudava Medicina e Cirurgia na Universidade de Bolonha. Durante a guerra, permaneceu junto à família em **Santa Maria Villiana**. Recorda que, no dia 1º de novembro de 1944, chegou a 7ª Companhia do 6º Regimento, lá permanecendo até o fim do inverno. “Na noite de 4 de fevereiro de 1945 vieram os soldados da SS para atacarem as posições (brasileiras). De fato, eu estava aqui fora com meu pai e o Capitão **Portocarrero**... Começou um fogo infernal... O Capitão pediu tiros de artilharia. Os primeiros tiros caíram dentro da nossa linha; depois ajustaram o tiro e chegaram ao ponto ideal... Foram horas de combate”. Os alemães queriam estourar a ponte de **Marano**, a fim de poderem atacar as tropas brasileiras que estavam para o lado de **Castelnuovo** pelas costas, mas, ao contrário, foram expulsos. A fazenda estava no meio dos fogos alemães e aliados; era conhecida como “terra de ninguém”, onde os embates de patrulhas eram constantes. “Aqui era o fim do mundo! Quando começavam a disparar, nós entrávamos em casa e, quando os tiros batiam de encontro à parede, a casa estremecia”, diz.



Foto: Franco Fini

Brasileiros na frente da casa de Franco Fini

Fini compara o soldado brasileiro ao de outros exércitos: “Havia uma diferença enorme; os soldados brasileiros eram como irmãos e uma boa companhia. Repito: como irmãos! Os outros exércitos eram completamente distantes, mesmo porque não nos entendíamos (por causa do idioma)”. Esclarece que, na **Toscana** e na **Emilia Romagna**, os brasileiros são conhecidos como libertadores, pois foram os primeiros a chegar: “Em toda esta região, não sei em outra parte, mas aqui no vale do Rio Reno, de **Porretta** até **Vergato**, os libertadores foram os brasileiros...”.

Francesco Berti, nascido em 1926, era integrante da Brigada Justiça e Liberdade, lutava ao lado dos aliados. Apesar dos fracassos iniciais da FEB em **Monte Castello**, admira a coragem dos Pracinhas e a persistência no combate. “No começo”, diz, “os brasileiros foram alvo fácil. Ali houve muitos mortos. Eu me inclino diante desses pobres Pracinhas que não conseguiram chegar sobre a linha de fogo e foram mortos; muitos e muitos. Eu lembro que havia um pelotão de sepultamento na Estrada Provincial e todos aqueles sacos cheios...”.

Ugo Castagnoli, testemunha ocular das ações brasileiras, tinha 15 anos quando a frente de guerra aproximou-se da sua cidade. Como muitos italianos, abandonou sua casa em busca de paz, na região de **Gaggio Montano**. “Eu vi quando atacaram o local que se chama **Serretta di Maserno** e, depois, aqui em **Montese**, no **Monte Montello**. Foi uma batalha muito áspera, muito forte, com mérito dos brasileiros,

que se saíram melhor. Restaram muitos mortos... Mas a bravura dos brasileiros teve o seu valor; conseguiram passar pelos obstáculos... Em suma, os alemães tinham as posições fortificadas e foi uma batalha muito dura, muito severa”.

A guerra passou e a vida voltou à rotina; porém, ficaram as marcas, indeléveis. **Valentino Betti** diz que o pior sentimento deixado pela guerra é a perda da infância, da ingenuidade, enfim, da juventude: “De rapaz, quando termina a guerra, a gente se torna quase um homem”. Betti diz que se encontrasse um veterano brasileiro, não saberia expressar exatamente o que sente. “Eu o abraçaria... porque, para mim, os brasileiros foram os que mais sofreram nesta guerra e, em suma, foram os que mais deram à Itália, pelo menos no nosso território”. “Eu creio que noventa por cento da população de **Gaggio Montano** teve um relacionamento verdadeiro com os brasileiros. (O Brasil) é a única nação que permaneceu impressa na história de **Gaggio**”, conclui.

HOMENAGENS

Com tantos depoimentos, não restam dúvidas de por que os Pracinhas são os libertadores da Toscana e da Emilia Romagna. Contudo, para os italianos, é uma questão de justiça tornar visível a gratidão, de modo que as futuras gerações não se esqueçam dos “heróis que vieram do Brasil para libertar uma terra que não era deles”. Imponentes ou singelas, as homenagens expressam o reconhecimento ao guerreiro que, mais do que qualquer outro, foi amigo, solidário e, sobretudo, cidadão.

Francesco Berti, proprietário da famosa **Casa Guanella**, que protegeu muitos Pracinhas durante o gelado inverno, doou o terreno em que está construído o monumento em homenagem aos soldados mortos e à FEB, à frente do **Monte Castello**. Justifica a doação como “um ato de necessário reconhecimento pelo valor com o qual combateram os soldados brasileiros... Os brasileiros não deixaram conversa fiada sobre o terreno: eles deixaram mortos. E eu quis agradecer, valorizar esses soldados...”.

Claudio Carelli tinha quatro anos e se lembra dos detalhes pelas histórias que ouvia dos pais. Recorda que morava em **Riola** com os avós e os pais. “Dois brasileiros vinham sempre a nossa casa; como se tinha pouco para comer, eles traziam caixinhas de chocolates. Depois comiam com a gente; o pouco que tínhamos, dividíamos e éramos

exatamente uma grande família naquele momento... Brincavam sempre comigo; portanto não posso esquecer”.

Quando adquiriu um sítio em **Vergato**, pesquisou e descobriu que dois Pracinhas haviam morrido no local. Em homenagem, construiu “um pequeno memorial a dois soldados brasileiros que morreram aqui lutando pela liberdade; pela minha liberdade. Se hoje eu sou um homem livre, sinto-me grato a estas duas pessoas e quis recordá-las. E recordar quer dizer que também os meus filhos e os meus netos saibam da minha história, da história da Itália e também do Brasil”. Na placa afixada ao memorial está escrito: “Para a honra e lembrança de **Francisco Gomes de Souza** e **José Alves de Abreu**, dois valentes Pracinhas da Força Expedicionária Brasileira que aqui tombaram em batalha, no alvorecer de 1945, lutando pela liberdade”.

O historiador **Giuliano Cappelli**, custódio da Capela de Nossa Senhora de Lourdes, em **Staffoli**, quando soube da gruta construída pelos brasileiros, procurou





até encontrá-la. Para ele, é fundamental preservar o local, “primeiro porque é que uma página dividida da História do Brasil e da Itália; depois, porque também é um ponto de agregação de dois povos em um mundo cheio de tensões, de guerras”. “Julgo que este lugar tenha uma importância também em nível espiritual, pois se trata de um monumento construído por pessoas que, neste momento, talvez não estejam mais vivas... Graças também à sua memória e honra é que me dedico com esta paixão à manutenção do monumento e isto me distingue. Em honra aos mortos e àqueles que combateram pela libertação e restauração da democracia no nosso país. É, sobretudo, um gesto de gratidão”, conclui.

Nem todos puderam construir monumentos ou memoriais. Entretanto, o brilho no olhar e as palavras externadas são sempre de alegria e reconhecimento, por poderem transmitir aos brasileiros o monumento à solidariedade que os Pracinhas construíram na alma e no coração dos italianos. **Giuseppina Malfatti** diz: “Depois da guerra eu nunca mais ouvi falar dessa Força Expedicionária Brasileira.” “Eu me perguntava: E os brasileiros? Ah! Você deve ter sonhado com os brasileiros...” Quando soube que almejavamos o seu testemunho, cancelou a agenda para dar o seu depoimento sobre os “nobres soldados”, que “tinham chegado e sumido”, dos quais “a bondade era fabulosa”. “Quero acrescentar que estou feliz que alguém queira ouvir-me testemunhar sobre esses soldados... É uma obra de recuperação da memória.”

Maria Elisabetta Tanari, prefeita de **Gaggio Montano**, julga fundamental rememorar a participação brasileira na guerra em todas as escolas, pois os episódios vividos entre os brasileiros e italianos estão impregnados de humanidade, de amizade, de troca e, por paradoxal que possa parecer, de alegria, pois serviram para humanizar uma experiência cruel e inumana como a da guerra. “Esta é uma experiência fundamental que precisa ser conservada e transmitida”, conclui.

Monumento construído para homenagear quem viveu os horrores da guerra se destaca na hoje serena paisagem, vista de Bombiana



Foto: Vera Lucia Lopes Cordeiro



Foto: MNMSGM

A capela, em Stafolli, durante a 2ª Guerra

Giuliano Tessera, professor de História e Filosofia, morador de Milão, admite que, até há alguns anos, não conhecia a participação brasileira na II Guerra Mundial. Apaixonado pelo assunto e por ouvir da população como era tratada pelos brasileiros, conclui: “Não estarei contente até que veja o tema nos livros, na normalidade do estudo, não como coisa excepcional, não como folclore, mas como coisa real e efetiva”.

Mario Pereira, filho do veterano **Miguel Pereira** e de **Giuliana Menichini**, tem a missão de hastear diariamente a Bandeira do Brasil no mais representativo símbolo da participação brasileira na guerra: o Monumento Votivo Militar Brasileiro, em **Pistoia**. Além disso, zela para que a chama perpétua, representativa da tenacidade do soldado brasileiro, permaneça acesa e ilumine o túmulo do “soldado desconhecido”, único corpo que permanece sepultado no local.

Pereira destaca que as visitas têm aumentado muito nos últimos anos, o que mostra o reconhecimento da população italiana pela postura adotada pelos brasileiros durante a guerra, tanto no campo de batalha, quanto na postura humanitária. Segundo diz, sua missão é seguir os passos do pai, que “não falava em trabalho; ele falava em missão. E a minha missão é manter acesa esta chama, que não é uma mera chama: é a chama da memória”. 🕯

COLUNA DA VITÓRIA 2014

Autores: Marcos Moretzsohn Renault Coelho e Ricardo Caiado
Presidente e Vice-Presidente da ABPVM.

SÃO JOÃO
DEL REI

CAÇAPAVA

RIO DE JANEIRO

ORGANIZAÇÃO:

APOIO:

PARTICIPAÇÃO:

EM COMEMORAÇÃO AOS
70 ANOS
DO EMBARQUE DA
FEB

Em homenagem aos Pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), foi realizada, no dia 21 de março de 2014, a primeira edição da COLUNA DA VITÓRIA, que teve como tema os 70 anos do embarque da FEB. Os comboios que participaram do evento reconstituíram os itinerários que os três regimentos integrantes da FEB fizeram para embarcar no porto do Rio de Janeiro, rumo à Itália.

O dia 21 de março de 1933 marcou o início do Terceiro Reich, o império nazista que pretendia durar mil anos. Quando completou apenas 12 anos, quis o destino que o nosso povo, representado pela Força Expedicionária Brasileira, fizesse parte do imenso esforço empreendido pelas Nações Aliadas para por fim à tirania nazifascista.

O nosso efetivo para o combate era de apenas uma Divisão de Exército. Em torno de 25 mil bravos homens lutaram lado a lado com soldados norte-americanos, ingleses, canadenses, franceses, poloneses, neozelandeses, belgas, marroquinos, indianos, australianos e outros, às vezes dando a vida, o que tinham de mais caro, para vingar os torpedeamentos, que vitimaram mais de mil compatriotas dos nossos navios mercantes.

Partiram do Brasil sem saber para onde iriam e se um dia voltariam para suas famílias, pois 467 deles lá ficaram.

Tombaram nos campos de batalha para selar com sangue a presença brasileira no solo italiano, que hoje confirmamos, por meio dos inúmeros monumentos reverenciados pelo povo libertado. Cerca de 2.700 carregaram pelo resto de suas vidas as sequelas dos ferimentos recebidos. Tiveram que superar todas as dificuldades que lhes foram impostas: a falta de treinamento adequado, a nova doutrina de guerra (antes francesa), os novos armamentos, veículos e equipamentos modernos, o frio inclemente, o idioma, a alimentação e vários outros obstáculos, combatendo um inimigo altamente treinado e experiente, vindo da frente russa.

É verdade que o Teatro de Operações (TO), onde lutou a FEB, era secundário se comparado às campanhas da Rússia; da invasão da Europa, ocupada em junho de 1944; ou da consequente invasão da Alemanha; mas, nem por isso, a atuação do nosso PRACINHA deve ser diminuída ou esquecida.





Foto: 3º Sgt Santos

Para lembrar os 70 anos do embarque do grosso da tropa brasileira rumo à Itália é que a Associação Brasileira de Preservadores de Viaturas Militares (ABPVM), junto com o Grupo Histórico FEB (GH-FEB), apoiado pelo Exército Brasileiro (EB), realizou a primeira edição da Coluna da Vitória.

Ironicamente, a marcha teve início em 21 de março de 2014, 81 anos após a implantação oficial do pretenso Reich Milenar Alemão contra o qual a FEB lutou e o qual ajudou a derrotar.

Embarcados nas viaturas da ABPVM, os integrantes do GH-FEB, 185 estudiosos e entusiastas do assunto prestaram uma belíssima homenagem aos que tombaram na luta pela paz, àqueles veteranos que ainda estão entre nós, às Forças Armadas e à História do Brasil. A Coluna da Vitória teve como tema os 70 anos do embarque da FEB. Dois comboios partiram respectivamente do 6º Regimento de Infantaria – Regimento Ipiranga, apoiados pelo 6º Batalhão de Infantaria Leve (Caçapava/SP) e pela Academia Militar das Agulhas Negras (Resende/RJ); e de São João del-Rei, do 11º Regimento de Infantaria – Regimento Tiradentes, apoiado pelo 11º Batalhão de Infantaria de Montanha daquela cidade, pelo 4º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada (Santos Dumont/MG) e pelo 4º Grupo de Artilharia de Campanha Leve (Juiz de Fora/MG). As colunas se encontraram no 32º Batalhão de Infantaria Leve (Petrópolis/RJ), de onde partiram para o 1º Regimento de Infantaria – Regimento Sampaio (Rio de Janeiro). A Coluna da Vitória reconstituiu, 70 anos depois, os mesmos itinerários que os três Regimentos fizeram para embarcar, no cais do Porto do Rio de Janeiro, rumo à Itália.



Aspecto da Coluna da Vitória em rodovias



Em Petrópolis, as viaturas foram divididas em dois locais de exposição: Pátio do Morelli e a Catedral da Cidade. O Evento reuniu o extraordinário número de 85 viaturas militares. Porém, no deslocamento para o Rio de Janeiro, nem todas fizeram parte do comboio, devido à forte chuva que caiu na manhã daquele domingo. Ainda assim, 56 viaturas chegaram ao Monumento Nacional aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, no Aterro do Flamengo.

A chegada da coluna ocorreu às 10:30h do domingo, dia 23 de março de 2014. Um culto ecumênico foi celebrado para marcar a ocasião, homenageando o fim do percurso da Coluna e o encerramento das comemorações do Centenário de Nascimento do Capitão Capelão **Antonio Alvares da Silva – Frei Orlando** –, patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. A organização do evento ofereceu um coquetel de recepção a todos os participantes da Coluna da Vitória, às autoridades civis e militares presentes, aos veteranos da FEB e ao Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, que recebeu uma carta para ser lida no culto ecumênico. A missiva, escrita após o aniversário do Capelão (13 de fevereiro de 1945) na cidade italiana de Bombiana, foi enviada pelo superior de Frei **Orlando**, Major Capelão Frei **Gil Maria**, à mãe adotiva daquele militar.

A Coluna da Vitória quebrou paradigmas, promoveu a união dos clubes e definitivamente entrou para a história da preservação da memória da FEB e da motomecanização militar brasileira. A realização desse evento só foi possível graças ao extraordinário apoio prestado pelo Exército Brasileiro, por intermédio de suas Organizações Militares e, também, pelo trabalho e pela colaboração de empresas, associações, grupos, agremiações e atuações individuais.

Os tipos de viaturas que participaram da marcha foram: **Jeep Mod 42** (foi a maior reunião deste tipo de viatura já realizada no Brasil), **Jeep 51**, **Jeep M-520**, **Jeep U-50**, **Jeep M-38**, **Jeep CJ-5**, **Jeep M-606**, **Jeep Ranger**, **Troller**, **Marruá**, **Caminhonetes F-85**, **Dodges M-37**, **Dodge Command 42**, **Chevrolet 38 Staff Car**, **Caminhões Reo**, **Toyota Bandeirante**, **Caminhão Kaiser 715**, **C-14 Ambulância**, **Caminhão Engesa EE-15**, **Kubelwagen**.

A organização da ABPVM agradece a todos e, em especial, aos participantes da Associação que deixaram seus afazeres para dedicar um pouco do seu tempo, exercendo a sua parcela de responsabilidade social, para aspergir as populações dos locais por onde passou a Coluna com conhecimento histórico e valores como o patriotismo, honradez, hierarquia e obediência. O trabalho continua. Temos muito a fazer e juntos vamos conseguir! O próximo desafio, em 2015, será a Coluna da Vitória em **Montese**, nos 70 anos da Vitória da FEB. 🇧🇷



Foto: S Ten Brandt

Viaturas no 4º Esqd Cav Mec - Santos Dumont





A INTENDÊNCIA DA FEB NOS CAMPOS DA ITÁLIA

Autor: Ten Cel Durland Puppim de FARIA
Professor de História Militar na AMAN

ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO DÉCADA DE 1940

Na década de 1940, o Exército Brasileiro era composto por aproximadamente 60 mil homens espalhados por unidades militares em todo território nacional, sendo a maioria delas dotadas ainda de meios de transporte com tração animal. A doutrina seguida era de origem francesa, desde a década de 1920, fruto das lições da Missão Militar Francesa (MMF), contratada em 1919. A MMF orientou a substituição da improvisação e do empirismo que caracterizavam o apoio logístico da intendência pela experimentação científica e pelo acompanhamento doutrinário.

Dentre as atribuições do Serviço de Intendência no pré-guerra, destacavam-se a organização e mobilização de pessoal e material específico, a administração da iluminação e alojamentos, o fornecimento de víveres, forragens, combustíveis, fardamentos, equipamentos e a realização do pagamento da tropa.

Com a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial, foi inicialmente acordado o envio de um Corpo de Exército (aproximadamente 60.000 homens), composto por três Divisões de Infantaria (DI), para a África ou Europa; a adoção da doutrina militar norte-americana (NA); e o recebimento

de 50% do material de uma DI, para realizar o treinamento no Brasil (incluindo viaturas para treinamento de motoristas e mecânicos, e fogões de campanha e rações NA, para os cozinheiros). Foi acertado, também, que a logística dessa força no Teatro de Operações (TO) ficaria a cargo dos EUA.

MOBILIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA FEB

Para participar do conflito, foi criada, em 24 de dezembro de 1942, a Força Expedicionária Brasileira (FEB). A mobilização do Brasil para a guerra, porém, apresentou uma série de fatores que dificultaram a montagem das três DI: a reserva não possuía pessoal especializado, a mobilização teve que ser executada em todo o território nacional, o percentual de incapazes para o serviço foi elevado e a seleção intelectual foi inadequada. Tudo isso dificultou a formação das grandes unidades programadas.

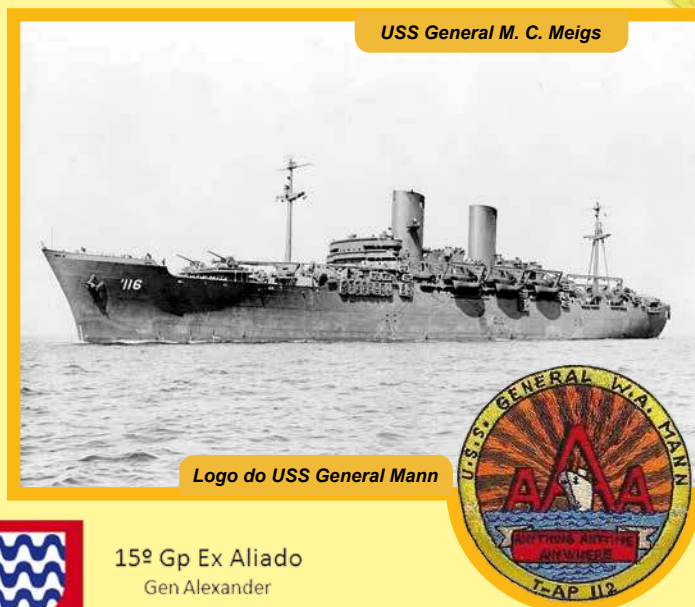
Como consequência, o governo brasileiro optou em enviar uma força expedicionária composta apenas por uma DI (1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE), a qual seria apoiada por órgãos não divisionários (OND). A organização da FEB sofreu pequenas alterações internas ao longo da guerra.

DESLOCAMENTO PARA A FRENTE ITALIANA

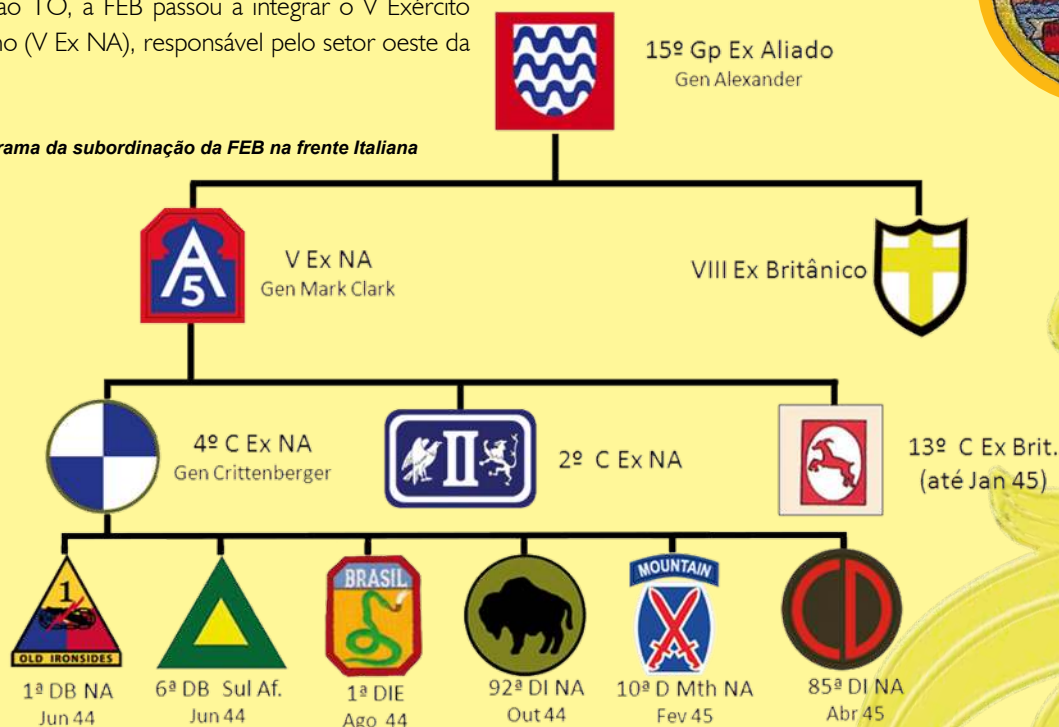
A FEB deslocou-se para o TO do Mediterrâneo dividida em cinco escalões, utilizando navios de guerras NA (*General Mann* e *General Meigs*), já que o Brasil não possuía navios apropriados para realizar esse deslocamento. Os escalões partiram do Brasil nos dias 2 de julho de 1944 (1º escalão), 22 de setembro de 1944 (2º e 3º escalões), 23 de novembro de 1944 (4º escalão) e 8 de fevereiro de 1945 (5º escalão). O deslocamento durava cerca de 15 dias e era escoltado por navios de guerra.

O envio da FEB para a Itália representou, efetivamente, a primeira oportunidade para o emprego dos serviços de Intendência e para o desenvolvimento de sua doutrina em campanha.

Ao chegar ao TO, a FEB passou a integrar o V Exército Norte-Americano (V Ex NA), responsável pelo setor oeste da península italiana.



Organograma da subordinação da FEB na frente Italiana



A INTENDÊNCIA NA FEB

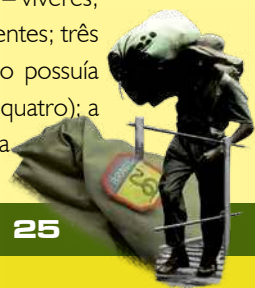
A Intendência da FEB teve que adaptar a sua organização aos moldes NA. Para isso, criou-se a Intendência Divisionária, composta pelo Serviço de Intendência (SI) e a Companhia de Intendência (Cia Int), que faziam parte do grupamento de Tropas Especiais; e os Depósitos de Intendência, que pertenciam aos OND, criados para enquadrarem-se aos órgãos logísticos NA.

O Chefe do SI fazia parte do Estado-Maior Especial da FEB e o SI atuava como órgão informativo junto ao comando da FEB e tinha ação direta sobre o emprego dos serviços.

O SI tinha a seguinte composição: Seção Administrativa (responsável pelos serviços gerais, aquisições e controle dos sepultamentos), à qual estava vinculado o Pelotão de Sepultamento, cujas missões eram identificar e sepultar os cadáveres, realizar os funerais e prover a guarda dos

cemitérios; Seção de Suprimentos (instalava e administrava o funcionamento dos órgãos divisionários de suprimentos – gêneros, combustível e material de Intendência – e realizava a evacuação do material a ser recuperado); e Seção de Transportes (coordenava o emprego dos pelotões de caminhões que, atendendo aos pedidos apresentados pela 4ª Seção, transportavam suprimentos, tropas e materiais de toda a espécie).

A Companhia de Intendência era composta pelo Pelotão de Serviços (com capacidade para desdobrar três seções – víveres, material e combustível – para atender em locais diferentes; três Pelotões de Caminhões 2½ toneladas (cada pelotão possuía duas Seções com seis caminhões e uma reserva com quatro); a Seção de Comando; a Seção de Manutenção (realizava manutenção de 2º escalão); e o Pelotão de Guarda.





A partir de março de 1945, a Seção de Suprimento foi dividida em Subseção de Víveres e Combustíveis (Classe I e III) e Subseção de Suprimentos de Material de Intendência (Classes II e IV), com gestões distintas. Esta organização foi uma importante modificação na estrutura do SI em relação à organização NA.

Embora a 1ª DIE possuísse a dotação de 378 viaturas (Vtr) 2½ Ton, 50% eram destinadas para as atividades logísticas. A Cia Int possuía 50 Vtr 2½ Ton e cada Companhia de Serviço dos regimentos de Infantaria tinha por dotação 29 Vtr 2½ Ton.

LOGÍSTICA NA ITÁLIA

Em 1944, a Frente Italiana era suprida por duas bases logísticas: a **Mediterranean Base Section** (MBS), instalada no Norte da África; e a **Peninsular Base Section** (PBS), localizada na Itália. A PBS era o órgão de fornecimento de quase toda a logística do 15º Grupamento de Exército. Para isso, seus suprimentos eram recebidos diretamente dos EUA, da MBS e, de forma complementar, por aquisição local. A PBS inicialmente instalou-se na Região de Nápoles e, posteriormente, com o avanço da linha de contato, lançou dois escalões avançados, um em **Florença** e outro em **Livorno**.

A atividade logística de suprimento da FEB ficava a cargo do SI, que se instalava entre a retaguarda das unidades operacionais e as áreas de suprimento do escalão superior, para que pudesse, também, lançar Pontos de Distribuição em locais próximos às unidades avançadas.

A Cia Int, munida das requisições diárias de rações confeccionadas pelas unidades fazia o saque das rações nos pontos ou depósitos de suprimento do V Ex NA e no Depósito de Intendência da FEB, levando-os, em seguida, aos Pontos de Distribuição de Classe I, para que a ração pudesse ser retirada pela unidade em horário predeterminado.

O regime alimentar adotado pela FEB oscilou entre o sistema NA (somente com produtos vindos dos EUA) e o sistema misto (com a incorporação de gêneros brasileiros). Os produtos nacionais eram levados para o TO pelos navios que conduziam os escalões da FEB para a Itália. Os principais artigos eram café, feijão, arroz, farinha, alho e mate, os quais eram armazenados nos Depósitos de Intendência da FEB.

Os Fogões de Campanha fornecidos pelos NA eram do modelo M-1937, a gasolina, e dotados de equipamentos de cozinha, bem diferentes dos antigos Berta a lenha utilizados no Brasil. As rações fornecidas pelo escalão superior variavam de tipo, de acordo com o nível de engajamento da tropa e das condições de apoio logístico. Variavam também de cardápio dentro da mesma ração-tipo. As principais rações fornecidas à FEB foram: ração tipo "A" – alimentos congelados e enlatados; ração tipo "B" – Zona de Combate (ZC), similar à ração "A",

Fogões Mod M-1937



com algumas substituições por enlatados; ração tipo "C" – ZC (acondicionada em seis latas), que podia ser consumida quente ou fria; e ração de reserva tipo "K", que podia ser consumida quente ou fria (acondicionada em três caixas de papelão).

Inicialmente, ocorreram dificuldades para a tropa brasileira adaptar-se ao regime alimentar e ao cardápio agrídoce NA. Embora a ração fosse altamente calórica, ela não era volumosa como os brasileiros estavam acostumados.

Para minimizar esse fato, foram realizados cursos para alguns cozinheiros pela PBS e, posteriormente, pela Cia Int, para 120 cozinheiros, com duração de 20 dias e resultados bem satisfatórios.

Apesar da melhoria na preparação da ração, os Pracinhas logo deram nova denominação aos itens NA, como carne de cachorro (**corned beef**), orelha de mico (damasco dessecado), cara feia (**grape fruit**) e **dog biscuits** (bolachas).

Nos transportes, a dificuldade inicial causada pela inexperiência dos motoristas e mecânicos para lidar com as viaturas NA ocasionou graves acidentes e uma elevada taxa de indisponibilidade para a 1ª DI, chegando ao índice de 50%. Desta feita, a Cia Int criou um curso de motorista e de manutenção de viatura, em **Pistoia**, o que levou à considerável redução no número de Vtr indisponíveis e de acidentes.

Os motoristas dos pelotões de caminhões realizavam as mais variadas missões em apoio às unidades avançadas ao longo de mais de 120 km, deslocando-se em comboios noturnos com os faróis apagados, por estradas sinuosas e com numerosos precipícios.

Viatura acidentada



APOIO DA INTENDÊNCIA AS OPERAÇÕES DA FEB

Na 1ª fase da campanha (Vale do Rio **Sercchio**), iniciada em 12 de setembro de 1944, o SI apoiou aproximadamente 1/3 da 1ª DIE. Para isso, contou com um Pelotão da Cia Int com 18 caminhões 2½ Ton, parte do Pelotão de Serviço (Pel Sv) da Cia Int e com elementos improvisados no Pelotão de Sepultamento (Pel Sep). Nesta fase, o SI apoiou o Destacamento FEB estabelecendo Pontos de Distribuição (P Distr) a 10 km das unidades avançadas e a 20 km dos órgãos provedores do V Ex NA. A partir de 13 de outubro de 1944, com a totalidade dos seus meios reunidos, após a chegada do 2º escalão da FEB, o SI dividiu-se em: Escalão Recuado, em **San Rossore**, e Escalão Avançado (Esc Avçd), em **Villa Sardi**. Em novembro de 1944, os escalões transferiram-se para **Pistoia** e **Porreta-Terme**.



empregados 356 caminhões de 2 ½ Ton, enquadrados na Cia Int, tendo transportado víveres, animais, munições, combustível e materiais diversos, acarretando um consumo diário de 12.600 galões de combustível (o combustível era fornecido por troca de galões).

Durante a ofensiva, as unidades deixavam o material desnecessário ao longo dos eixos de progressão, tendo a Seção de Suprimento Classes II e IV o encargo de recolher esses equipamentos.

Desde a defensiva até a perseguição, o SI lançou seus órgãos, apoiando profunda e continuamente as operações, chegando a desdobrar 11 (onze) P Distr no período de 30 dias, em regiões diferentes. Já o Pelotão de Sepultamento permaneceu durante todo o período realizando sua missão humanitária de coletar e enterrar mortos, reunindo-os no cemitério militar brasileiro da região.

O apoio logístico permaneceu até a rendição das forças inimigas, deslocando-se por 317 km, de **Pamperso** a **Voghera**, quando, nesta localidade, se instalou a 39 km de **Alessandria**.

Durante a 2ª fase (Vale do Rio Reno), iniciada em 24 de novembro de 1944, o Esc Avçd transferiu-se para **La Pieve** e lá permaneceu até início de abril de 1945. Nessa localidade, os P Distr (Classes I e III e Classes II e IV) funcionaram por toda a defensiva de inverno, enviando, em média, 28 caminhões por dia para cada unidade apoiada.

Durante a defensiva de inverno, o Depósito de Intendência da FEB, além de receber e enviar para a frente de combate os gêneros oriundos do Brasil, confeccionou e/ou obteve roupas e materiais diversos.

Na 3ª fase (Vale do Rio **Panaro**) os P Distr foram instalados em **Pamperso**, ficando a 15 km das unidades que atacavam **Montese** e a 18 km dos P Distr do escalão superior.

A partir de 23 de abril de 1945, durante a última fase (Vale do Rio do Pó), o SI iniciou o deslocamento de suas instalações, acompanhado a perseguição realizada pelas tropas brasileiras rumo à fronteira francesa. Nessa operação, foram





Imediatamente após a rendição nazista, o SI recebeu a missão de recolher os equipamentos das unidades da FEB e entregá-los nos depósitos da PBS.

A Intendência também se fez presente nas unidades de vanguarda, já que foram mantidas as funções de tesoureiro e aprovisionador nas unidades da 1ª DIE.

Na retaguarda, permaneceu realizando atividades relacionadas à administração de finanças, com destaque para o Serviço de Fundos e para a Pagadoria da FEB.

Com o fim das operações ofensivas na Itália, a FEB recebeu a missão de se concentrar em **Francolise** (a 7 km de Nápoles). Para isso, foram utilizados 1.500 caminhões 2 ½ Ton, oito composições ferroviárias, 40 carros de bagagem e três navios. Em 20 de julho, praticamente todo o material da Divisão estava recolhido ao porto de **Nápoles**, de onde foram embarcados e

transportados para o Brasil 21.255 volumes, 1.911 viaturas e todo o efetivo brasileiro, encerrando a participação do SI da FEB.



A participação do SI na Frente Italiana trouxe reflexos positivos para a evolução da Intendência, acarretando modificações posteriores, entre as quais se destacam a formação dos oficiais do Serviço de Intendência na Academia Militar das Agulhas Negras, o aprimoramento de a doutrina militar a partir das experiências adquiridas no TO e o início da frequência do oficial intendente à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. 🇧🇷



Ponto de Suprimento em Le Pieve



ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO CAPITÃO CAPELÃO MILITAR ANTONIO ALVARES DA SILVA

- FREI ORLANDO - SOLDADO DA FÉ

De 15 a 23 de março de 2014, foram encerradas as comemorações do Centenário de Nascimento do Capitão Capelão Militar Frei **Orlando** – Soldado da Fé, que se desenvolveram nas cidades mineiras de Divinópolis, Abaeté, Morada Nova de Minas, Belo Horizonte (Carlos Prates), São João del-Rei, Santos Dumont, Juiz de Fora, em Petrópolis (RJ) e no Rio de Janeiro.

Os eventos que ocorreram nessas cidades seguiram a programação organizada pelo Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx) e as metas e orientações estabelecidas pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército.

O encerramento teve por objetivos divulgar para a sociedade brasileira o patrimônio imaterial do Exército Brasileiro, expresso em tradições, celebrações e valores; rememorar a vida e os feitos do Frei **Orlando** nas atividades religiosas e na campanha na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial; divulgar para a sociedade o desempenho de Frei **Orlando** na vida eclesial (conventual e sacerdotal) e militar; e apresentar a pesquisa documental e iconográfica, bem como o documentário baseado em entrevistas anteriormente realizadas nas comunidades religiosas onde ele viveu.

PROGRAMAÇÃO CUMPRIDA

Uma comitiva constituída por militares e por um servidor civil do CEPHiMEx iniciou, no dia 15 de março de 2014, o deslocamento motorizado do Rio de Janeiro para o 11º Batalhão de Infantaria de Montanha (11º BIMth), em São João del-Rei, de onde, após providências administrativas, reiniciou o deslocamento para Divinópolis.

Divinópolis (MG)

Na cidade de Divinópolis, a relíquia de Frei **Orlando** foi levada do Tiro de Guerra 04/019 para o Santuário de Santo Antônio, em um carro do Corpo de Bombeiros daquela cidade. Durante as cerimônias realizadas no Santuário de

Santo Antônio, onde Frei **Orlando** foi ordenado sacerdote franciscano, e no Teatro Municipal, estiveram presentes autoridades civis e militares, a Banda da Polícia Militar, parentes do Capelão, frades franciscanos e populares.

Em uma missa em ação de graças, foi feita a leitura de uma carta de Frei **Orlando** escrita para a Revista de Santa Cruz de Divinópolis.

Abaeté (MG)

No dia 16 de março de 2014, a comitiva e a relíquia foram recebidas por 30 Atiradores do Tiro de Guerra de Bom Despacho e pela Banda de Música do 12º Batalhão de Infantaria (12º BI), sendo a relíquia conduzida para a Igreja Nossa Senhora do Patrocínio, onde Frei **Orlando** despertou para a religiosidade.

Durante a missa em ação de graças, foi realizada a leitura de uma carta de Frei **Orlando** sobre sua permanência em Abaeté e a apresentação da Canção Frei **Orlando** – Soldado da Fé, letra e música de autoria da Senhora **Lúcia Maria Pereira de Andrade**.





Morada Nova de Minas (MG)

Em Morada Nova de Minas, com a relíquia colocada em um jipe e com a participação da Banda de Música do 12º BI, foi realizado um desfile estudantil, da Praça Dr. Agenor Soares dos Santos até a Escola Estadual Frei **Orlando**. Com a concentração das escolas, foi realizada uma cerimônia que culminou com a colocação de placa comemorativa na entrada da Escola Estadual Frei **Orlando**.

Uma missa em ação de graças foi celebrada na Igreja Nossa Senhora do Loreto, onde Frei **Orlando** foi batizado e fez a Primeira Comunhão. Durante a missa, foi feita a leitura de uma carta escrita por ele sobre o casamento de sua irmã **Clara** e, mais tarde, no Salão Paroquial, foi executada a canção Frei **Orlando** – Soldado da Fé.



Desfile estudantil em Morada Nova de Minas

Estiveram presentes às cerimônias autoridades civis e militares, religiosos, familiares de Frei **Orlando**, estudantes e populares.

Belo Horizonte (Carlos Prates)

No dia 17 de março de 2014, com a presença da Banda de Música do 12º BI e de viaturas militares antigas da Associação Brasileira dos Preservadores de Veículos Militares de Belo Horizonte (ABPVM/BH), ocorreu a chegada da relíquia de Frei **Orlando** na Praça São Francisco das Chagas, onde se desenvolveu uma cerimônia. Na missa em ação de graças, realizada no



Leitura da carta de Frei Orlando pelo Cel R/1 Cláudio Skora Rosty

Santuário de São Francisco das Chagas, onde Frei **Orlando** rezou sua primeira missa, foi lida uma carta de sua autoria endereçada a seus irmãos. Convém destacar o acompanhamento musical realizado por alunas do Colégio Militar de Belo Horizonte e a presença do motorista de Frei **Orlando**, que presenciou a sua morte, o Tenente RI **Gilberto Torres Ruas**.

São João Del Rei (MG)



Foto: Cel Rosty

Relíquia de Frei Orlando

No dia 19 de março de 2014, após participar do III Seminário Nacional da Participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial, a comitiva conduziu a relíquia de Frei **Orlando** do 11º BIMth para o Templo de S. Francisco de Assis. Nesse dia, com a presença dos integrantes da Coluna da Vitória, as comemorações ocorreram na Igreja, no auditório da Universidade Federal de São João del-Rei e no Centro Social e Cultural do Batalhão.

Santos Dumont (MG)

No dia 21 de março de 2014, a Coluna da Vitória realizou a aposição de uma placa alusiva ao evento na capelinha do 4º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada. Nesta OM foram tomadas as providências administrativas necessárias para o reinício do deslocamento.

Juiz de Fora (MG)

As comemorações tiveram lugar na Catedral Metropolitana de Santo Antônio e, durante a missa em ação de graças, foi lida uma carta de Frei **Orlando** com o título Exército salva uma Nação. Nesta cidade, foi realizada exposição de viaturas antigas, no entorno da Catedral.

Petrópolis (RJ)

No dia 22 de março de 2014, ocorreu a concentração de extraordinário número de 85 viaturas militares antigas, divididas em dois locais de exposição: o Pátio do Morelli e a Catedral Metropolitana de Petrópolis, consagrada a São Pedro de Alcântara.

Na missa em ação de graças, foi realizada a leitura da carta de Frei **Orlando** para sua mãe adotiva, que chegou às mãos de sua genitora um dia depois de sua morte.

Rio de Janeiro (RJ)

No dia 23 de março de 2014, a comitiva e a coluna de marcha chegaram à cidade do Rio de Janeiro e as comemorações finais ocorreram no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, em frente ao túmulo do soldado desconhecido.

Dentre outras atividades, foi realizado um culto ecumênico, evento em que foi lida carta do Major Capelão Frei **Gil Maria**, endereçada à mãe adotiva do Frei **Orlando**.

OBSERVAÇÕES ESPECIAIS

Nas cidades visitadas, durante a permanência da comitiva, foram realizadas as seguintes atividades:

- aposição de placa alusiva ao centenário de nascimento do Frei **Orlando**;
- toque de silêncio;
- inauguração de um busto de Frei **Orlando** no 11º BIMth
- aposição de corbelha de flores;
- apresentação de Banda de Música;
- missa em ação de graças;
- doação de quadro pela CEPHIMEx;
- apresentação de documentário Frei **Orlando** – “o capelão que não voltou”; e
- entrega de diplomas.

Durante as cerimônias realizadas, foram constatadas as presenças de familiares de Frei **Orlando**, em particular de sua sobrinha, Sra **Cândida Maria de Jesus Álvares**.

Foram gratificantes a dedicação e o entusiasmo que as prefeituras, a sociedade local, os religiosos, estudantes e professores demonstraram na preparação e na execução das comemorações do centenário de nascimento de Frei **Orlando** em suas cidades.

É digno de destaque o Espaço Cultural Marechal Guilherme Xavier de Souza, do 10º Batalhão de Infantaria Leve, com painéis que contam a trajetória da Unidade na História do Brasil e que mantém uma exposição de materiais, equipamentos e armamentos.

A participação das organizações militares do Exército foi imprescindível no apoio à comitiva e à coluna de marcha, proporcionando alojamento, abastecimento das viaturas e alimentação ao pessoal.

A relíquia de Frei **Orlando** contém ossos do antebraço, medalhas, um terço, uma coroa franciscana, terra da Itália e fotografias.

CONCLUSÃO

A participação efetiva da sociedade local e a recepção por ela dispensada aos organizadores e ao próprio evento causaram boa impressão nas atividades de encerramento das comemorações, em todas as cidades.

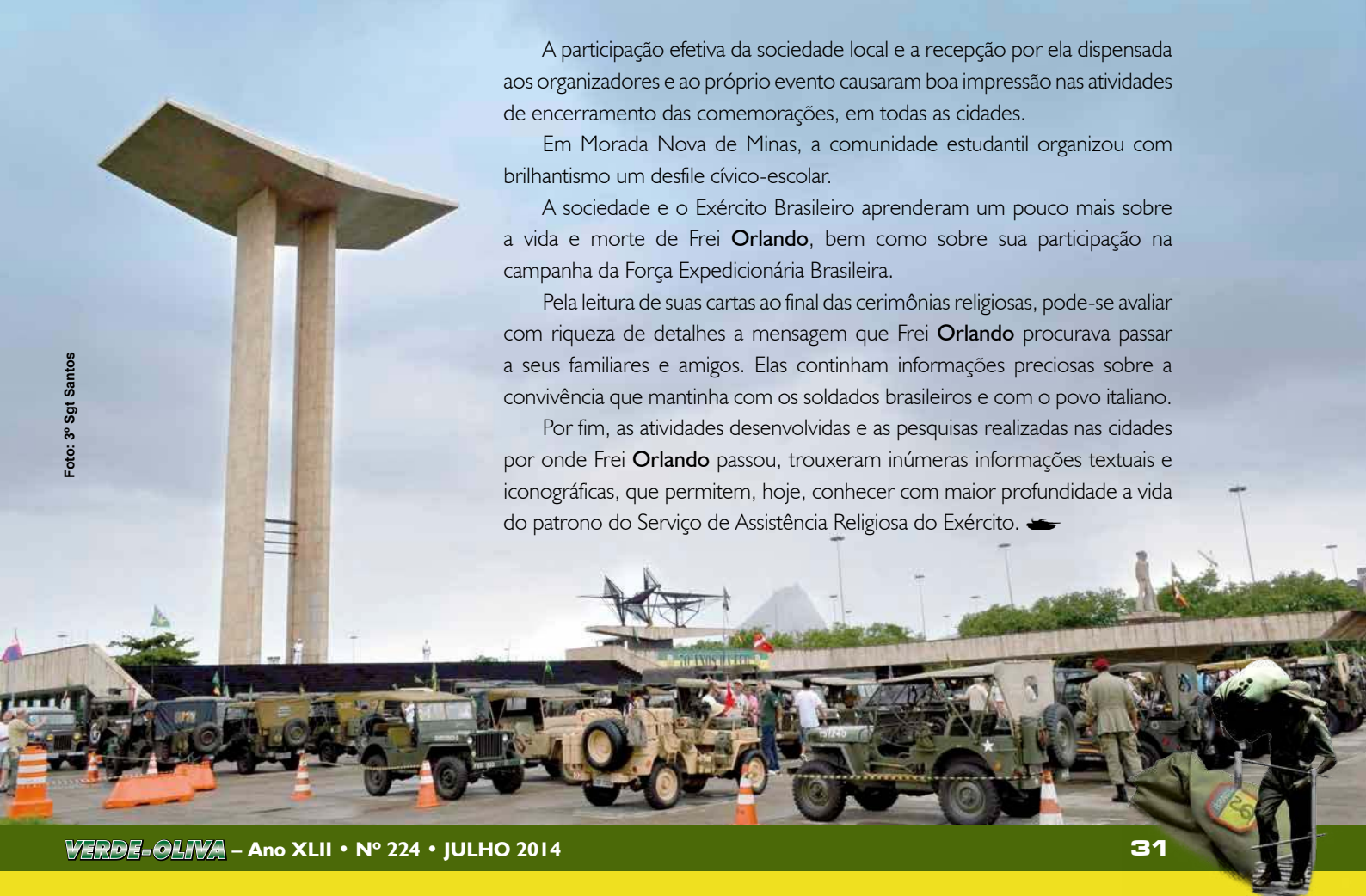
Em Morada Nova de Minas, a comunidade estudantil organizou com brilhantismo um desfile cívico-escolar.

A sociedade e o Exército Brasileiro aprenderam um pouco mais sobre a vida e morte de Frei **Orlando**, bem como sobre sua participação na campanha da Força Expedicionária Brasileira.

Pela leitura de suas cartas ao final das cerimônias religiosas, pode-se avaliar com riqueza de detalhes a mensagem que Frei **Orlando** procurava passar a seus familiares e amigos. Elas continham informações preciosas sobre a convivência que mantinha com os soldados brasileiros e com o povo italiano.

Por fim, as atividades desenvolvidas e as pesquisas realizadas nas cidades por onde Frei **Orlando** passou, trouxeram inúmeras informações textuais e iconográficas, que permitem, hoje, conhecer com maior profundidade a vida do patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. 🇧🇷

Foto: 3º Sgt Santos



NOSSAS OM:

1º BI Mtz (Es) – Regimento Sampaio



Foto: Acervo do 1º BI Mtz

Criada em 1943, pela Portaria Ministerial nº 4744, já no ano seguinte a Força Expedicionária Brasileira encontrava-se toda estruturada. Dentre os três regimentos de infantaria que compunham a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária estava o atual 1º Batalhão de Infantaria Motorizado (Escola) – Regimento Sampaio.



Foto: Acervo do 1º BI Mtz

RESUMO HISTÓRICO

O 1º Batalhão de Infantaria Motorizado Escola - Regimento Sampaio - é uma das mais tradicionais Organizações Militares da Arma de Infantaria. Sua origem remonta aos primórdios da colonização brasileira e sua árvore genealógica apresenta dois ramos bem distintos. O ramo mais antigo surgiu por volta de 1567 e ficou conhecido como *Terço Velho*, uma unidade militar ímpar organizada por **Estácio de Sá**, fundador da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, com o objetivo de expulsar os invasores franceses que houveram se estabelecido onde atualmente se encontram o Outeiro da Glória, a Ilha de Villegaignon e a Ilha do Governador. Outra atuação marcante do Terço de Velho ocorreu durante a Guerra de Reconquista de Angola aos holandeses na África, em 1648. Naquela ocasião, foi a única unidade de Linha que participou daquela expedição extracontinental, sob o comando do General **Salvador Correia de Sá e Benevides**.

Em 1745, com a evolução da arte da guerra, abandonou-se a organização do Terço, passando-se à do Regimento do tipo francês, que passou a ser a unidade tática da tropa de 1ª Linha. Assim, o Terço Velho passou a denominar-se Regimento do Rio de Janeiro, o Velho, e com este nome participou de expedições ao Sul do Brasil (1751) integrando o Exército Demarcador do Tratado de Madri, sob comando do General **Gomes Freire de Andrade**, bem como lutou na Guerra Guarânica (1754), que culminou com a expulsão dos índios guaranis da região de Sete Povos da Missão, no Rio Grande do Sul.

Em 1767, cumprindo determinação do **Marquês de Pombal**, foram enviados de Lisboa para o Rio de Janeiro três regimentos portugueses: Regimento do Moura, Regimento Entremoz e Regimento Bragança. Desses apenas o Regimento Bragança permaneceu sediado na capital da Colônia, substituindo o Regimento do Rio de Janeiro (o Velho). Seu primeiro comandante foi o Coronel **Francisco Lima e Silva**, avô do futuro **Duque de Caxias**. Surgia, então, o ramo mais recente da árvore genealógica do Regimento Sampaio. Alguns anos depois, em 1774, o Regimento Bragança passou a integrar o Exército do Sul, sendo empregado na expulsão dos invasores espanhóis que haviam ocupado Santa Catarina,

Rio Grande do Sul e a Província Cisplatina. Ao final da campanha no Sul, o Regimento Bragança transformou-se em 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro.

Com essa nova denominação, o 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro abrigou por algum tempo a Academia de Infantaria (destinada aos oficiais de Infantaria, Cavalaria, Fortalezas, Milícias e Ordenanças do Rio de Janeiro), onde estudou o Marechal **Francisco Lima e Silva**, pai do futuro Patrono do Exército. Foi também nessa Unidade que o próprio **Luis Alves de Lima e Silva** serviu como Alferes. Por esta razão àquela época o Regimento Sampaio foi verdadeiramente a Escola dos **Lima e Silva**.

Em 1808, a Guerra Napoleônica na Europa trouxe a família real portuguesa ao Brasil. No bojo das reformas introduzidas pelo príncipe-regente **Dom João VI**, o 1º Regimento de Infantaria passou a designar-se, em 1818, 1º Batalhão de Fuzileiros da Corte. No início do Primeiro Reinado, **Dom Pedro I** transformou-o em 2º Batalhão de Caçadores, unidade em que o futuro **Duque de Caxias** foi promovido a tenente.

Diante da grave crise político-econômica que caracterizou o conturbado Período Regencial, o 2º Batalhão de Caçadores foi extinto em 1832. Dez anos mais tarde, com o advento do Segundo Reinado, **Dom Pedro II** determinou que ele fosse recriado mantendo a mesma designação histórica de 1818, qual seja, 1º Batalhão de Infantaria da Corte, assim permanecendo até o início do século XX.

Em 1865, com o início da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870), o 1º Batalhão de Infantaria se fez 1º Batalhão de Fuzileiros e seguiu para a região do conflito, a fim de reunir-se às tropas aliadas, integrando a 3ª Divisão de Infantaria, conhecida como Divisão Encouraçada, do Brigadeiro **Antônio de Sampaio**. Nessa campanha, o batalhão tomou parte em batalhas decisivas, dentre as quais se destacaram: Itororó, Peribebuí, Pequiseri, Ita-Ivaté, Campo Grande e Tuiuti. Nesta última, considerada a maior batalha campal da América do Sul, o Brigadeiro **Antônio de Sampaio**, o Bravo dos Bravos, foi mortalmente ferido, no dia 24 de maio de 1866.

Assinala-se, ainda, que o 1º Batalhão de Fuzileiros foi a única unidade do Exército Imperial que participou da maior batalha naval da América Latina, a Batalha Naval do Riachuelo, data magna da Marinha do Brasil, reforçando a guarnição do navio “Jequitinhonha”. Naquela ocasião, o **Almirante Tamandaré** elogiou seu comandante (Major **Guimarães Peixoto**) pela “dedicação e

perícia, as quais se refletiram com brilho sobre o contingente do 1º de Fuzileiros”, que considerou “os melhores soldados que teve sob suas ordens”.

Em 1908, com a reestruturação do Exército e sob influência da doutrina militar francesa, o 1º Batalhão de Fuzileiros transformou-se em 1º Regimento de Infantaria (1º RI), reunindo em seu atual aquartelamento na Vila Militar o 1º Batalhão de Infantaria do Rio de Janeiro, o 7º Batalhão de Infantaria de Santa Catarina (ex-integrante da Divisão Encouraçada) e o 20º Batalhão de Infantaria de Goiás (heroico e sublimado por sua participação na Retirada da Laguna).

DENOMINAÇÃO **HISTÓRICA, ESTANDARTE E** **CONDECORAÇÕES**

Por intermédio do decreto-lei Nº 3.081, de 28 de fevereiro de 1941, do Presidente **Getúlio Vargas**, o 1º Regimento de Infantaria recebeu a patronímica de Regimento Sampaio, uma justa e merecida homenagem ao **Brigadeiro Sampaio**, o Leão de Tuiuti e Comandante da Divisão Encouraçada da qual fez parte o então 1º Batalhão de Fuzileiros.

Naquele mesmo ano, foi criado o estandarte de guerra do Regimento Sampaio, cuja formosa e expressiva concepção heráldica foi idealizada pelo Sr. **Luis Gomes Loureiro**, então Diretor Foto-Cartográfico do Exército e destacado desenhista. Interessante revelar que no projeto original apresentado constava a legenda “1º da Rainha das Armas”, omitido no Decreto Oficial.



Foto: Acervo do 1º BI Mtz



Réplica da espada do Brigadeiro Sampaio



Foto: Acervo do 1º BI Mtz

O motivo central do Estandarte de Guerra do Regimento Sampaio é um Leão de Guerra, simbolizando a bravura do **Brigadeiro Sampaio** na Batalha de Tuiuti. As três estrelas de sangue representam os três ferimentos mortais que ceifaram sua vida naquela batalha. Abaixo e nas extremidades da elipse que envolve o Leão aparecem os numerais **1** (que representa o 1º Batalhão de Infantaria), **7** (que simboliza o 7º Batalhão de Infantaria) e **20** (que indica o 20º Batalhão de Infantaria), todos eles formadores do 1º RI, em 1908. Logo acima do número 1, aparecem as datas de nascimento (24 de maio de 1810) e de falecimento (24 de maio de 1866) do **Brigadeiro Sampaio**. Nas extremidades do estandarte, estão as principais batalhas da Campanha da Tríplice Aliança e da Campanha da Itália, que o Regimento Sampaio tomou parte (Tuiuti e Itororó); (Monte Castelo e La Serra); (Pequisiri e Itá-Ivaté) e (Peribebuí e Campo Grande).

Dentre as várias condecorações recebidas pelo Estandarte de Guerra do Regimento Sampaio, destacam-se: Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro do Sul (entregue pelo próprio **Duque de Caxias**, durante a Guerra do Paraguai); a Cruz de Combate da FEB (durante a Campanha da Itália) e Ordem do Mérito Militar (por assinalados serviços prestados ao Exército e à Nação brasileira).

PARTICIPAÇÃO NA 2ª GUERRA MUNDIAL

Em 1944, sob o comando do Coronel **Caiado de Castro**, o Regimento Sampaio integrou a 1ª Divisão de

Infantaria Expedicionária (1ª DIE) para lutar contra o nazifacismo nos campos de batalha da Itália. Após longa e exaustiva preparação, o 1º RI embarcou no Cais do Porto do Rio de Janeiro no navio norte-americano de transporte de tropa "General **Mann**" com destino ao continente Europeu, no dia 20 para 21 de setembro de 1944.

No contexto do **Plano Encore** com que o IV Corpo de Exército Norte-americano abriu sua ofensiva sob as linhas de defesa inimigas, coube ao Regimento Sampaio realizar o ataque principal ao **Monte Castelo**, importante baluarte alemão conquistado no dia 21 de fevereiro de 1945. Nessa ação, o 1º RI foi reforçado por blindados norte-americanos, unidades de Artilharia, subunidades de Engenharia e um pelotão de Comunicações. O êxito do ataque acabou invertendo os papéis, de

apoiado pelos americanos passou a apoiá-los, adentrando-se mais em território inimigo, conquistando as regiões de **Bela Vista**, **Cota 958** e **La Serra**, colocando uma cunha no dispositivo inimigo, mantendo o terreno conquistado a todo custo apesar dos pesados contra-ataques alemães.

Em **Rocca Corneta**, **Belvedere** e **Capela de Ronchidos** o Regimento Sampaio garantiu a segurança do flanco esquerdo e da retaguarda do IV Corpo, por meio da fixação das reservas inimigas, realização de patrulhas agressivas, atuando de forma a iludir o inimigo das direções do ataque principal, em que pese os exaustivos esforços despendidos em **Monte Castello** e **La Serra**.

Foto: Acervo do 1º BI Mtz

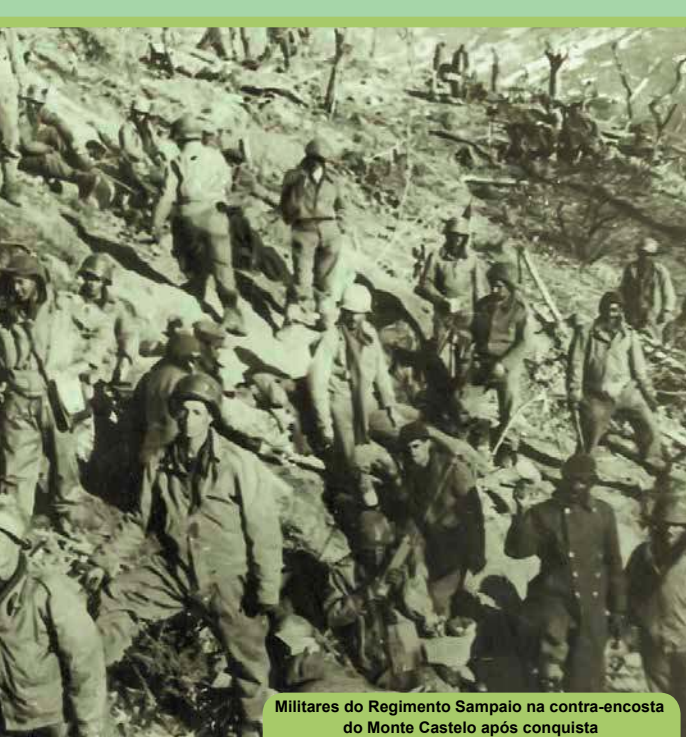


Foto: Acervo do 1º BI Mtz

Embarque no navio General Mann

Foto: Acervo do 1º BI Mtz





Militares do Regimento Sampaio na contra-encosta do Monte Castelo após conquista



Embarque no retorno do Regimento



Foto: Acervo do 1º B I Mtz



Tiro de morteiro

Na primavera de 1945, por ocasião da Grande Ofensiva final, enquanto um dos batalhões do Regimento Sampaio coopera no exitoso ataque a **Montese**, os outros dois cobriam a brecha que o avanço impetuoso da 10ª Divisão de Montanha Norte-americana ia deixando entre esta peça de manobra e a Divisão brasileira. Mais adiante, um de seus batalhões cercou o inimigo em fuga na região de **Sassomaggiore**, colaborando na espetacular rendição alemã em **Colecchio**, enquanto suas demais unidades cortavam as linhas de retraimento inimigas em **Fidenza** e **Piacenza**. Finalmente, com a travessia do rio Pó, o Regimento Sampaio pôs fim à perseguição do inimigo e à sua participação na campanha da Itália.

OUTRAS MISSÕES

Em período mais recente, o Regimento Sampaio participou das missões de Paz sob a égide da ONU, enviando contingentes para a UNAVEM III (Angola -1995) e para a MINUSTAH (Haiti - 2005 e 2010). No âmbito da segurança interna e do desenvolvimento nacional, participou das Operações Arcanjo II, IV e VII, contribuindo para a pacificação do Complexo do Alemão e da Penha nos anos de 2011 e 2012, no Rio de Janeiro. Atuou, ainda, na garantia do pleito eleitoral (Operação Eleições) de 2012, bem como na proteção de infraestruturas terrestres estratégicas por ocasião da Operação Copa das Confederações da FIFA e Operação Papa em 2013. Atualmente o 1º B I Mtz (Es) integra a Força de Pacificação Niederauer, na Operação São Francisco II, no Complexo da Maré - Rio de Janeiro. 🐾



Alegre advertência ao inimigo

Foto: Acervo do 1º B I Mtz



JUBILEU DE PRATA DO PRÊMIO



NOBEL DA PAZ

O dia 10 de dezembro de 2013 assinalou os 25 anos da concessão do Prêmio Nobel da Paz às forças da Organização das Nações Unidas, que, no período de 1948 a 1988, atuaram em benefício da paz mundial.

Autor: Gen Ex Ref Luiz Gonzaga Schroeder LESSA

Para orgulho da Nação Brasileira e das suas Forças Armadas, especialmente o Exército, das 14 missões de paz a serviço da Organização das Nações Unidas (ONU) que ocorreram nesse intervalo de tempo, o Brasil participou em oito delas, evidenciando a diligência e o compromisso da sua diplomacia com a paz, quando a sobrevivência da própria humanidade era posta em cheque sob as ameaças diretas das ações da Guerra Fria e do holocausto nuclear.

Se o Brasil, ainda hoje, se defronta com inúmeras dificuldades na sua vitoriosa participação na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), é fácil imaginar o esforço hercúleo desenvolvido pelo País para o cumprimento desses compromissos internacionais; não apenas com os elevados dispêndios financeiros, mas, principalmente, com a superação de problemas de toda ordem, envolvendo a precária cadeia logística de então, associada às indefinições na política de mobilização de pessoal e de material para tão apreciáveis efetivos de tropa.



Fonte: <http://www.unmultimedia.org>

No citado período, foram contempladas com o Prêmio Nobel da Paz as seguintes missões, que contaram com a participação brasileira:

– UNEF I – Força de Emergência das Nações Unidas – operou no Oriente Médio;

– UNSCOB – Comissão Especial das Nações Unidas nos Bálcãs;

– UNTEA/UNSF – Força de Segurança das Nações Unidas na Nova Guiné;

– UNFCYP – Forças das Nações Unidas no Chipre;

– DOMREP – Missão do Representante do Secretário-Geral da ONU na República Dominicana;

– ONUC – Operações das Nações Unidas no Congo;

– UNYOM – Missão de Observação das Nações Unidas no Líbano; e

– UNIPOM – Missão de Observação das Nações Unidas na Índia e no Paquistão.

Há que se destacar a sensibilidade do Exército para com os fatos que engrandecem sua história e reforçam suas tradições.

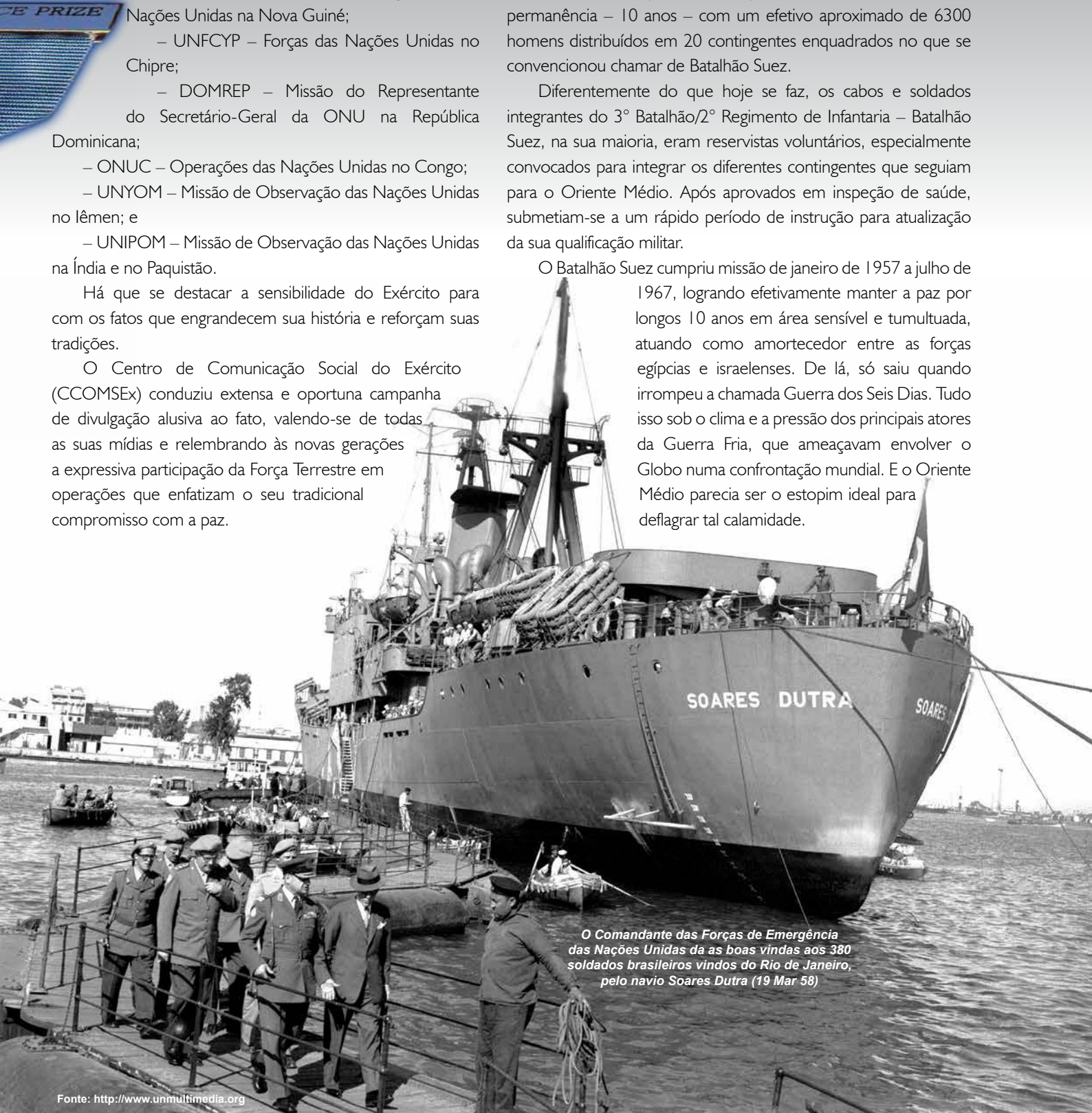
O Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEX) conduziu extensa e oportuna campanha de divulgação alusiva ao fato, valendo-se de todas as suas mídias e lembrando às novas gerações a expressiva participação da Força Terrestre em operações que enfatizam o seu tradicional compromisso com a paz.

UNEF-1 - FORÇA DE EMERGÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS

Detendo-me na UNEF-I com um pouco mais de detalhe, até com a veleidade de que possa estar transferindo algum ensinamento para as novas gerações do meu Exército; mas, principalmente, por ter sido a Força em que o Brasil, depois da MINUSTAH, teve maior permanência – 10 anos – com um efetivo aproximado de 6300 homens distribuídos em 20 contingentes enquadrados no que se convencionou chamar de Batalhão Suez.

Diferentemente do que hoje se faz, os cabos e soldados integrantes do 3º Batalhão/2º Regimento de Infantaria – Batalhão Suez, na sua maioria, eram reservistas voluntários, especialmente convocados para integrar os diferentes contingentes que seguiam para o Oriente Médio. Após aprovados em inspeção de saúde, submetiam-se a um rápido período de instrução para atualização da sua qualificação militar.

O Batalhão Suez cumpriu missão de janeiro de 1957 a julho de 1967, logrando efetivamente manter a paz por longos 10 anos em área sensível e tumultuada, atuando como amortecedor entre as forças egípcias e israelenses. De lá, só saiu quando irrompeu a chamada Guerra dos Seis Dias. Tudo isso sob o clima e a pressão dos principais atores da Guerra Fria, que ameaçavam envolver o Globo numa confrontação mundial. E o Oriente Médio parecia ser o estopim ideal para deflagrar tal calamidade.



O Comandante das Forças de Emergência das Nações Unidas dá as boas vindas aos 380 soldados brasileiros vindos do Rio de Janeiro, pelo navio Soares Dutra (19 Mar 58)

Fonte: <http://www.unmultimedia.org>

Integraram a UNEF-I, além do Brasil, tropas do Canadá, Colômbia, Dinamarca, Finlândia, Indonésia, Índia, Iugoslávia, Noruega e Suécia.

Com orgulho, registre-se, a UNEF-I foi comandada por dois oficiais-generais brasileiros: General **Carlos Paiva Chaves**, de janeiro a agosto de 1964, e o General **Sizenio Sarmento**, herói da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na 2ª Guerra Mundial, no período de janeiro de 1965 a janeiro de 1966.

É forçoso destacar os comandantes do 3º Batalhão / 2º Regimento de Infantaria / Batalhão Suez, com quem tive a felicidade de privar. O Tenente-Coronel de Infantaria **Iracílio Ivo de Figueiredo Pessoa**, primeiro comandante, homem talhado para aquela desafiante missão e que esteve à frente do batalhão durante os primeiros 6 meses do 3º contingente. Preocupado com a missão a cumprir e com os seus subordinados, foi um grande comandante, muito apreciado por todos. Superou as dificuldades iniciais da missão, conquistando o respeito e a admiração do Comandante da Força e dos demais contingentes que a ela pertenciam. Estive, também, sob as ordens do Tenente-Coronel de Infantaria **Rui José da Cruz** que substituiu o Tenente-Coronel **Iracílio**. Personalidade forte e com estilo de comando bem diverso do seu antecessor, foi, todavia, para o momento presente, um excelente comandante pelo culto à disciplina, rigor e presteza com que exigia que as missões fossem cumpridas. A esses dois chefes, presto o meu preito de profundo respeito e admiração.

SITUAÇÃO DOS CONTINGENTES

O sistema utilizado pelo Exército para a substituição dos contingentes era objetivo, apropriado e inteligente. Trocava-se a metade do efetivo do batalhão, o que permitia ter sempre combatentes experimentados para o cumprimento das missões, evitando-se problemas que, forçosamente, ocorreriam com uma tropa nova e ainda não familiarizada com o ambiente em que iria operar.

Patrulhas diárias



Foto: Gen Lessa

Como 2º tenente, integrei o 3º contingente, permanecendo na Palestina de 14 de fevereiro de 1958 a 27 de junho de 1959, sempre, como Comandante do Pelotão de Minas, o qual teve uma árdua e importante missão a cumprir.

A bordo do Navio Transporte de Tropa **Soares Dutra**, na sua viagem de 20 dias do Rio de Janeiro a **Port Said** (Egito), vivemos um intenso período de instrução com o reforço na disciplina e nos aspectos peculiares da qualificação militar, ultimando-se importantes providências administrativas. Esse procedimento manteve a tropa sempre ocupada, ao tempo em que melhorava as suas condições de saúde, comprometidas pelos contínuos enjoos que tendiam a manter o combatente isolado nos seus abafados e desconfortáveis alojamentos. Grande parte do fardamento distribuído nessa ocasião era constituída por peças de inverno, remanescentes daquelas usadas pela Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial.

Cada contingente viveu sua própria experiência, necessariamente diversificada dos demais. Assim, o que passo a relatar traduz algo do meu tempo vivido na Palestina e não reflete o que possa ter ocorrido com os outros contingentes.

Formatura do Batalhão brasileiro em Rafah City (1963/64)



Foto: Cel R/1 Juvêncio Saldanha LEMOS

O 3º CONTINGENTE

A sede do Batalhão, acantonada na milenar cidade de **Rafah**, utilizava antigas instalações do Exército inglês. As companhias de fuzileiros foram desdobradas ao longo de uma linha de demarcação (**demarcation line**), fronteira física cavada no Deserto do Sinai, que separava egípcios de israelenses e era balizada por tonéis pintados com as cores da ONU.

Nosso contingente ainda exerceu a crítica tarefa de ocupar posições, substituindo as tropas israelenses, que se retiravam para o seu país. Essa tarefa, na sua quase totalidade, havia sido realizada pelos primeiro e segundo contingentes. Com as frentes em fase de frequentes ajustamentos, o Batalhão viveu um período de grande dinamismo operativo e administrativo.

A missão era árdua e o desconforto a palavra de ordem. Grande parte da nossa tropa estava enterrada, literalmente, vivendo em barracas de 10 praças, armadas em grandes buracos, que só deixavam expostas a sua cumeeira. Idêntica era a situação das instalações sanitárias.

Esse foi o expediente capaz de enfrentar as tempestades de areia que a tudo destruíam e que levavam os homens a um grande esgotamento físico e psicológico, com frequentes hemorragias nasais e bucais, pela irritação das suas mucosas. As máscaras contra areia eram escassas e pouco adiantavam. Tudo o que estivesse à flor do terreno era destruído e levado pelo vento a grandes distâncias.

Nas patrulhas diárias, normalmente noturnas, sob as mais adversas condições, os homens andavam cerca de 20 km, muitas vezes enfrentando as tempestades de areia e as baixas temperaturas, que contrastavam com o calor estafante durante o dia e, que, não raro, ultrapassava os 60° **Celsius**. Também, era comum a troca de tiros com os guerrilheiros palestinos **fedayins** (guerreiros da liberdade), precursores da organização político-militar **AL FATAH**, que insistiam em incursionar o território israelense para praticar atos de sabotagem. Devíamos impedir que isso acontecesse.

Essas condições estafantes e bem desfavoráveis motivaram vários casos de tuberculose, forçando a evacuação dos doentes para o Brasil.

A vigilância das instalações se constituía em uma das nossas principais missões, face às constantes tentativas dos **fedayins** em nelas penetrar para roubar e assassinar, valendo-se de intensos tiroteios levados a efeito por metralhadoras e outras armas leves. Muitas foram as tentativas contra as sedes do batalhão e das companhias destacadas, a despeito delas terem o seu perímetro externo protegido por uma cerca de arame de dupla inclinação minada. Isso era tanto mais comum contra a área de suprimento da Força, operada pelos canadenses e guardada pelos brasileiros. O sibilar das balas era ouvido quase toda a noite.

A presença de minas sempre foi uma preocupação constante do comando e da tropa. Na sua maioria, esparsas,

antipessoal e anticarro, faziam-se presentes em quase todas as áreas, razão pela qual os mapas com que, na ocasião, trabalhávamos apresentassem extensas regiões como suspeitas da sua ocorrência. Muitos foram os acidentes com viaturas e, principalmente, com os povos beduínos que habitavam o deserto. Quando trabalhando em benefício da Força, a limpeza de campos de minas era a prioridade principal.

O pelotão brasileiro tinha o maior efetivo; as tropas indiana e canadense dispunham apenas de uma seção de minas. Logicamente, a maioria dos trabalhos de levantamento e de lançamento para a defesa aproximada foi realizada pelo nosso pelotão de minas.

Ten Lessa ministra instrução de minas



Fonte: <http://www.unmultimedia.org>

Tudo tivemos que aprender na área. E não havia outra maneira de fazê-lo. Nossa instrução a respeito era extremamente deficiente. O que até então eu sabia de minas aprendi na AMAN, com minas inertes ou no máximo com a antiga mina anticarro Mantiqueira.

Eu e meus soldados tivemos que aprender, **in loco**, a lidar com nove tipos diferentes de minas – israelenses, egípcias, alemãs, russas, tchecas – muitas remanescentes da 2ª Guerra Mundial, largamente empregadas nos conflitos do Oriente Médio. Grande parte delas, plásticas, incapazes de serem detectadas pelos equipamentos de que dispúnhamos. Assim, todo o trabalho de detecção tinha que ser feito por meio do bastão de sondagem, tarefa árdua, lenta e perigosa. Não foram poucas as situações em que a nossa tropa esteve muito próxima de sérios incidentes com minas, muitos deles fruto da sabotagem e armadilhas montadas pelos **fedayins** nos caminhos por nós utilizados que cortavam o deserto ou, até mesmo, à flor do asfalto nas estradas principais. Os pisos das carrocerias e boleias das viaturas, como segurança, eram cobertos com sacos de areia.

Água era artigo crítico, muito controlado, e o banho, regado. Bebidas geladas só nas sedes.

Com o passar dos meses, com a redução da mobilidade da tropa e as missões tornando-se mais estáveis, algum conforto começou a aparecer. As barracas, então enterradas, foram paulatinamente trocadas por estruturas de madeira teladas, com piso em lajes de concreto, capazes de abrigar 12 militares.

As camas passaram a ser mais espaçosas e confortáveis. As cozinhas acompanharam o mesmo estilo. Geladeiras com revestimento interno de zinco, abastecidas por barras de gelo, foram introduzidas como suprimento normal, melhorando consideravelmente o conforto do combatente. As geladeiras a querosene só viriam a aparecer quando o nosso Contingente estava terminando a sua missão na Palestina.

O Batalhão, pela sua própria missão, não dispunha de armamento pesado. Era semimotorizado e, ainda que recebesse viaturas REO da unidade de suprimento da Força, aquelas que consigo levou, quando do primeiro contingente, foram essenciais no cumprimento das suas missões. Destacamos os eficientes caminhões FNM (Fábrica Nacional de Motores) pesados, muitas vezes recrutados pelo órgão superior para trazer suprimentos de **Port Said** para **Rafah** e **Gaza**. Filhos da então nascente indústria automobilística brasileira, foram motivo de orgulho para todos nós.

A inspeção semestral de viaturas, feita pelo setor de logística canadense, era muito rigorosa. Nosso índice de manutenção foi sempre muito elevado e o Batalhão foi motivo de frequentes elogios e destaques por parte do Comandante da UNEF-I, Brigadeiro **E. L. Burns**, oficial-general canadense que, como coronel, comandou uma brigada mecanizada na 2ª Guerra Mundial. Certa feita, numa inspeção de rotina, constatou uma viatura $\frac{3}{4}$ **Dodge** em pleno funcionamento e operacionalidade. Não acreditou. Pessoalmente, tomou a sua direção. Maravilhou-se pelo seu excelente estado. Relatou que, durante a guerra, um veículo similar havia sido a sua viatura de comando. O mérito por tão alta disponibilidade deve-se ao meu comandante da Companhia de Serviços, o então Capitão **Carlos Augusto Godói**, excelente militar, melhor camarada. Exigente, especialista no setor, não media esforços para obter elevados padrões de manutenção para a unidade.

O ESTADO FÍSICO E PSICOLÓGICO DA TROPA

O estresse era grande, até mesmo motivado pela pressão natural que o deserto exerce na psique do combatente, fato muito bem observado pelos integrantes da Legião Estrangeira Francesa, que denominam esse fato como **cafard**.

A imensidão desértica, o seu mutismo com quase nenhuma vida aparente (reduzida ao chamado rato do deserto); o calor abrasador, contrastando com noites quase geladas; a repetição e até mesmo a inércia na realização das tarefas, a escassez de notícias dos entes queridos; a componente psicológica da nossa gente, por sua própria natureza emotiva e sensível, foram fatores multiplicadores da melancolia que tomava posse do indivíduo e o levava a condições extremas de estresse, com ações atentatórias contra sua própria vida ou a de terceiros. Tivemos vários desses casos envolvendo oficiais e praças, que foram forçados a regressar ao Brasil.

Para compensar essa situação, a Força mantinha centros de recreação nas cidades do **Cairo e Beirute (Líbano)**, que bem recompunham o estado físico e emocional do combatente. A cada mês em operação eram concedidos três dias de descanso (**leaving**), que poderiam ser acumulados.

Dois fatores reputo da mais alta importância na manutenção do moral do pessoal.

Cartas, correspondência em geral. Esse é o primeiro. Quando faltavam ou escasseavam, oficiais e praças tornavam-se mais suscetíveis ao estresse, irascíveis, sorumbáticos, melancólicos, isolados e retraídos ao contato com outras pessoas. A crise estava pronta para eclodir.

O segundo aspecto diz respeito às nem sempre frequentes comunicações via rádio, proporcionadas pela nossa excelente estação retransmissora, em permanente ligação com o Brasil. Era a hora de se ouvir as vozes dos entes queridos e chorar

Trabalho de restauração da linha de demarcação que separa Israel-Egito, (01 Jan 59)



Fonte: <http://www.unmultimedia.org>



Foto: Cel R/1 Juvêncio Saldanha LEMOS

de alegrias ou mesmo de tristezas, mas, sempre, um contato direto, quase físico, que recompunha a parte emocional como nunca. Tudo ganhava uma dimensão especial quando o militar era casado. Esposa e filhos, nas condições vigentes, exerciam um poder de incalculável avaliação.

É desnecessário lembrar que, à época, não se dispunha de telefonia via satélite, móvel ou fixa, nem internet, computador com seus aplicativos, **IPads** ou **tablets**, maravilhas da modernidade e alta tecnologia que tornaram o mundo de hoje muito mais próximo, com as comunicações extremamente facilitadas e instantâneas. Mesmo limitados, os meios de que dispúnhamos realizaram um papel de primeira grandeza na manutenção do moral da tropa.

A assistência religiosa foi uma parceira importante do comando na contínua luta pelo estabelecimento e manutenção de elevados padrões de conduta, disciplina e moral do combatente, muito facilitada pelo respeito e ampla aceitação do capelão no seio dos militares em geral.

As missões constantes da Força Aérea Brasileira, por intermédio do Correio Aéreo Nacional, eram esperadas com muita expectativa. Traziam não apenas artigos em falta, mas notícias, revistas e jornais relativamente atualizados e gêneros vitais da nossa culinária, nem sempre fornecidos pelo órgão de suprimento da Força. Muitas vezes, militares com problemas diversos, principalmente de saúde, retornavam ao Brasil valendo-se dessas missões.

Há que se relembrar a conquista do primeiro Campeonato Mundial de Futebol, em 1958, quando o Brasil derrotou a Suécia. Irradiado pelos alto-falantes montados pela estação rádio, toda a sede do Batalhão, sob os acordes de ruidosa e improvisada fanfarra, com sofreguidão, angústia e alívio, vibrou e se emocionou com os gols que ocorreram e com o surgimento do gênio **Pelé**. Logo após o término do jogo, num gesto de alta educação esportiva e de camaradagem, o comandante do batalhão sueco e uma representação de seus oficiais vieram à nossa sede para nos cumprimentar. Para quem estava longe da Pátria, apenas ouvindo os comoventes lances transmitidos pela Rádio Nacional, foi um fato inesquecível, de grande vibração e entusiasmo cívicos.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Por 10 anos seguidos, o Exército Brasileiro esteve presente com o seu Batalhão como integrante da UNEF-I, cumprindo com destemor, equilíbrio e competência todas as missões que lhe foram atribuídas, muito bem representando o nosso país e a nossa gente. Foi uma escola não apenas para o Brasil, mas, também, para a própria ONU, que se aproveitou dessa exitosa experiência para criar muitas outras forças de manutenção da paz mundo afora.

O Brasil tem sido um ativo parceiro na promoção da paz mundial. Além de integrar as Forças citadas nesse artigo, ganhadoras do Prêmio Nobel, não tem se furtado em dar a sua valiosa colaboração em experiências muito bem sucedidas, como as operações em Moçambique, Angola e, atualmente, no Haiti, onde cumpre missão desde 2004. Esse grande esforço empreendido pelo país repercute, muito favoravelmente, no aprimoramento profissional dos quadros e na operacionalidade das suas Forças Armadas.

Embora denominadas forças de paz, todos os que dela participaram sabem muito bem que a paz é fluída e de uma hora para outra pode evoluir para uma situação de beligerância. Em qualquer situação, os sacrifícios físico e psíquico estão sempre presentes, a exigir alta dose de estoicismo, determinação, perseverança, disciplina, solidariedade e uma compreensão muito grande dos elevados objetivos da missão voltados, em última instância, para a fraternidade universal e o estabelecimento da paz entre os povos.

Sensibilizado pelos sacrifícios suportados pelos “Boinas Azuis” durante os 40 anos de Guerra Fria, na entrega do Prêmio Nobel da Paz o então Secretário-Geral da ONU, Embaixador **Javier Pérez de Cuéllar**, declarou que essa honrosa comenda foi um tributo ao idealismo de todos aqueles que, servindo à ONU, contribuíram e continuam a contribuir com as operações de manutenção da paz.

Nas suas palavras, que ainda guardam o mesmo vigor de 25 anos atrás, definiu que “as Forças de Manutenção da Paz empregam soldados como servos da paz, ao invés de instrumentos da guerra. Usam os militares com base no princípio da não violência. Proporcionam uma alternativa honrosa para o conflito, reduzindo a violência e a tensão, de tal forma que uma solução pode ser alcançada por meio da negociação. Nunca antes na história, forças militares foram empregadas não para travar a guerra, não para estabelecer dominação, não para servir aos interesses de qualquer poder ou grupo de poderes, mas, sim, para evitar o conflito entre os povos”.

Ainda, no dizer de **Pérez de Cuéllar**, “as operações de manutenção da paz simbolizam a vontade da comunidade mundial na sua busca pela paz e expressam esse desejo de forma prática e imparcial. A concessão do Prêmio Nobel da Paz a essas operações ilumina a esperança e reforça a promessa desse extraordinário conceito”. 🐸

55ª INTERNATIONAL MATHEMATICS OLYMPIAD

Alessandro de Oliveira Pacanowski, aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), representará o Brasil, com outros cinco estudantes de outros estados, na 55ª *International Mathematics Olympiad (IMO)* – Olimpíada Internacional de Matemática, na cidade do Cabo, África do Sul.

Sendo a maior competição que objetiva a resolução de problemas de matemática no mundo, a *IMO* é considerada, também, a mais relevante e prestigiada entre todas as olimpíadas científicas internacionais, envolvendo cerca de 600 alunos, de 105 países.



Aluno do CMRJ desde 2008, **Pacanowski** conquistou, no ano de 2014, a medalha de ouro na *International Asian-Pacific Mathematical Olympiad (APMO)*. Em 2013, foi agraciado com Menção Honrosa na *International Mathematics Olympiad* realizada na Colômbia.

Convém ressaltar que possui entre suas conquistas seis medalhas de ouro na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), uma medalha de ouro e três medalhas de prata na Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM). Além disso, confirmando o provérbio *mens sana in corpore sano*, o Aluno **Pacanowski** foi vice-campeão carioca de Remo, no ano de 2011. 🚣

RABDOMIÓLISE

MEDIDAS DE SEGURANÇA - AMAN



Com o intuito de prevenir e combater os efeitos da rabdomiólise induzida por esforço físico e pelo calor, a Academia Militar das Agulhas Negras, assim como todas as organizações militares do Exército Brasileiro, intensifica e amplia as medidas de segurança na instrução da tropa.

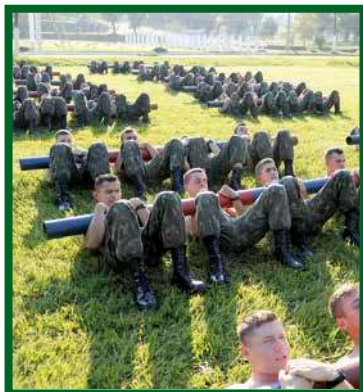
As altas demandas físicas e psicológicas do combate moderno exigem que o soldado seja atualmente submetido a intensos treinamentos.

Em consequência, tal cenário, aliado à tendência atual de consumo de substâncias ergogênicas entre os jovens, tem contribuído para o aumento do risco de incidência de acidentes térmicos e da rabdomiólise. Esta última tem provocado modificações nos padrões de hidratação e de preparo em vários exércitos do mundo, a fim de reduzir sua ocorrência. Cabe ressaltar que essa mudança teve início nos Estados Unidos da América, a partir do ano de 1991, quando

do crescente índice de rabdomiólise derivado do treinamento específico para a Operação Tempestade no Deserto.

Assim, alinhada com a Portaria do Comandante do Exército nº 129, de 11 de março de 2010, que trata da Diretriz para a Implantação do Programa de Prevenção e Controle da Rabdomiólise Induzida por Esforço Físico e pelo Calor, e de acordo com o Caderno de Prevenção de Acidentes de Instrução do Exército Brasileiro, a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) vem intensificando suas medidas de segurança na instrução, tendo os principais pontos sido destacados nas próximas linhas.

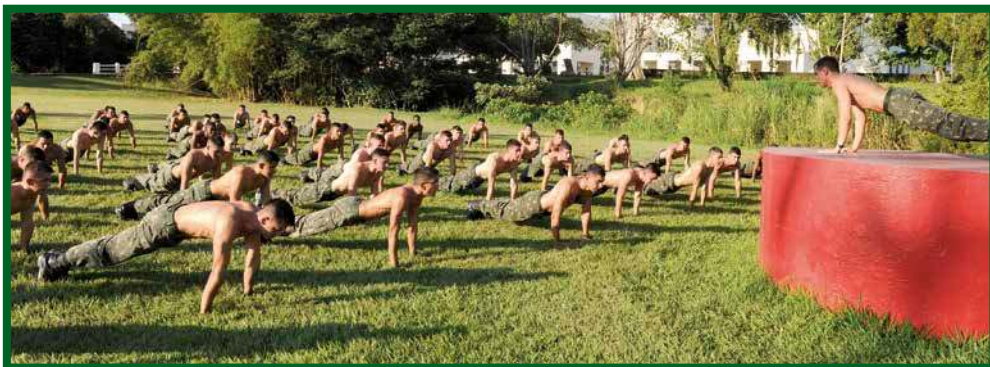
Treinamento funcional



Com o intuito de melhor preparar os cadetes para os exercícios no terreno, a AMAN

vem adotando com sucesso a prática do treinamento funcional.

Antes dos exercícios de longa duração, os cadetes executam atividades que visam preparar os grupos musculares que serão mais exigidos, fortalecendo suas fibras e células, a fim de minimizar a ocorrência de acidentes relacionados à rhabdomiólise. Tais atividades consistem de marchas, pistas de obstáculos, corridas com armas e com equipamentos.



Apoio do IPCFEx em exercícios de longa duração

Por ocasião de exercícios em que os cadetes venham a ser submetidos a esforços físicos intensos e prolongados, como os estágios da Seção de Instrução Especial (SIEsp), o Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército (IPCFEx) vem apoiando a AMAN na realização de exames de sangue e urina. Amostras são coletadas antes e durante as atividades, diagnosticando os militares que não estejam em condições de participar ou prosseguir nas instruções.



Utilização do cartão de urina e controle da hidratação



Análise de urina	
1	Hiperidratado
2	
3	
4	Hidratado
5	
6	Desidratado
7	
8	

Em complemento aos exames laboratoriais, os cadetes fazem uso de um cartão de urina, que permite, por meio de um sistema de cores, o monitoramento diário dos níveis de desidratação, a qual é controlada e combatida pela hidratação obrigatória, não havendo qualquer tipo de restrição para a reposição hídrica. Em experiência bem sucedida no Estágio de Patrulha de Longo Alcance da SIEsp, em 2013, os cadetes que, durante o exercício, tiveram alteração de coloração da urina, enquadrando-se em grupos de risco, realizaram exames de sangue adicionais durante as atividades, a fim de detectar indicadores da presença da mioglobina. Os cadetes aptos neste último exame retornaram às tarefas, enquanto os que apresentaram sinais da presença da mioglobina foram afastados do Estágio. Atualmente, a hidratação a comando foi incorporada no rol de atribuições do cadete na função de Adjunto de PELOPES dos estágios da SIEsp, sendo objeto de avaliação e contribuindo para o controle da hidratação.



Controle antropométrico dos cadetes

A Seção de Educação Física realiza, duas vezes por ano, a medida das dobras cutâneas e cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC) de todos os cadetes. Dessa forma, pode-se prever a ocorrência de possíveis dificuldades nas atividades de treinamento físico militar, identificando, orientando e acompanhando os militares que apresentem sobrepeso. Além disso, esse procedimento permite apontar possíveis indícios de ingestão de substâncias ergogênicas, contribuindo para um controle adequado de seu consumo, dentro da normatização existente no âmbito da Academia. Adicionalmente, os cadetes são rotineiramente submetidos a inspeções de saúde após o retorno do período de férias.

Análise de questionários epidemiológicos dos cadetes

Além do acompanhamento das informações pessoais constantes de suas pastas, antes da realização de exercícios no terreno, os cadetes preenchem um questionário epidemiológico. Por meio deste instrumento, o militar tem a oportunidade de informar ou atualizar seu estado de saúde, podendo ser submetido a exames mais detalhados e até mesmo ser impedido de participar de atividades que demandem qualquer tipo de desgaste que possa vir a contribuir para provocar danos a sua condição física.

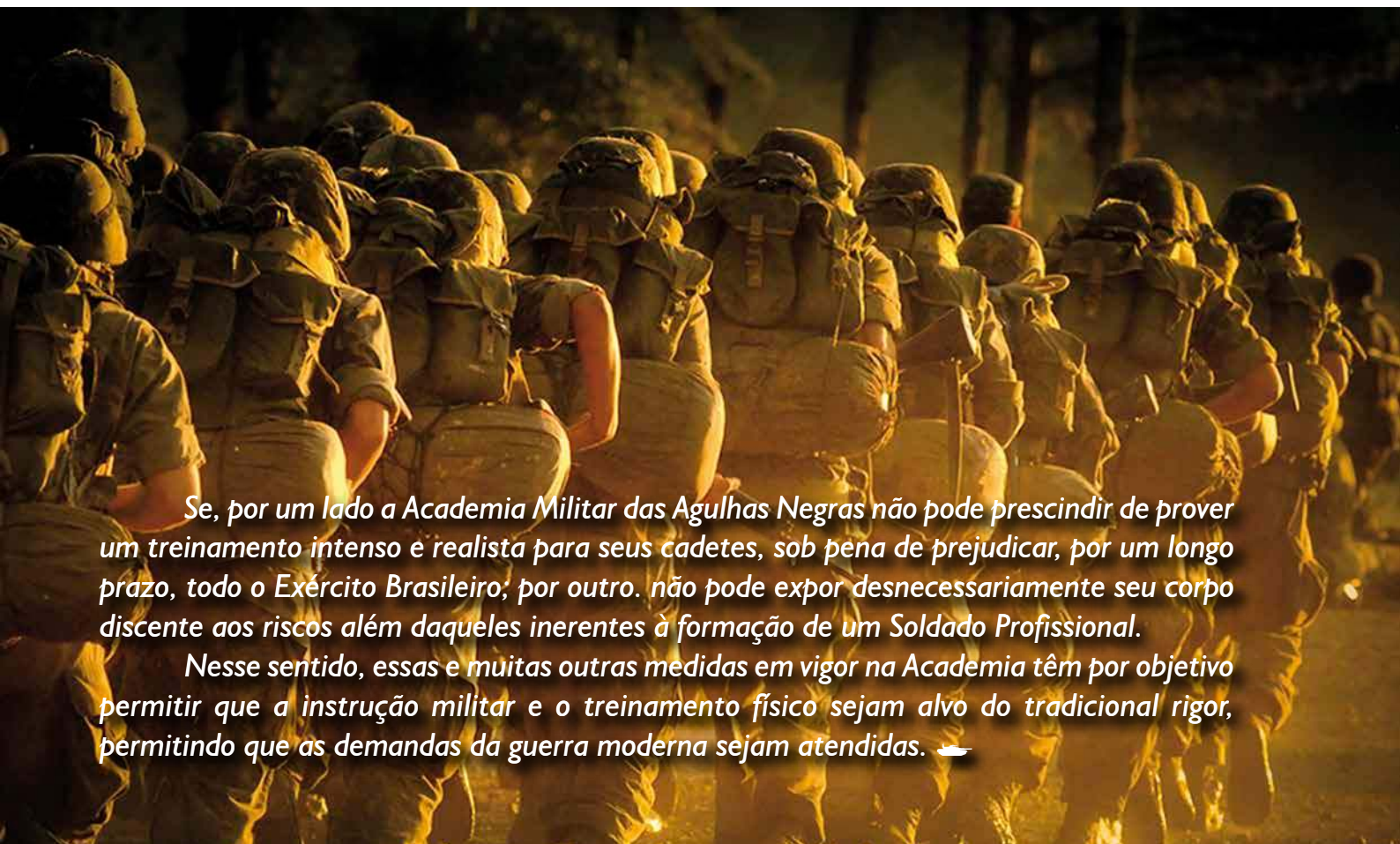


Capacitação de recursos humanos

Anualmente, por ocasião de seu Estágio de Atualização Pedagógica, a AMAN capacita seus instrutores e monitores no tocante à prevenção de acidentes na instrução, rabdomiólise e medidas profiláticas em exercícios no terreno. Esse conhecimento também é repassado para todo o corpo permanente da Academia, bem como para os próprios cadetes, por meio de palestras que visam à capacitação e à atualização de todos os militares sobre estes assuntos.

Equipe de Análise de Acidentes Multidisciplinar

Com o intuito de incrementar as medidas de segurança futuras, a AMAN criou neste ano uma Equipe de Análise de Acidentes Multidisciplinar. Esta equipe, composta por cinco oficiais de diversas especialidades, tem por finalidade realizar um levantamento de informações detalhado, minucioso e imediato após a ocorrência de acidentes na instrução e no treinamento físico militar. Dessa forma, permite-se a atualização dos bancos de dados, a adoção de melhores práticas, bem como a proposta de **protocolos para a prevenção de acidentes**, da rabdomiólise ou de outros julgados necessários.



Se, por um lado a Academia Militar das Agulhas Negras não pode prescindir de prover um treinamento intenso e realista para seus cadetes, sob pena de prejudicar, por um longo prazo, todo o Exército Brasileiro; por outro, não pode expor desnecessariamente seu corpo discente aos riscos além daqueles inerentes à formação de um Soldado Profissional.

Nesse sentido, essas e muitas outras medidas em vigor na Academia têm por objetivo permitir que a instrução militar e o treinamento físico sejam alvo do tradicional rigor, permitindo que as demandas da guerra moderna sejam atendidas. ➡

OS CÃES DE GUERRA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Cães de Guerra é o nome dado aos cães que conseguem atingir os requisitos físicos aplicados na realização de um curso de preparação e adestramento para o cumprimento de missões junto à tropa.

GENERALIDADES

Desde a época das civilizações egípcia e grega, constam registros da utilização de cães em combate, ocorrendo, desde então, um crescente emprego desses animais nas áreas conflituosas.

Com a chegada da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os americanos, pela primeira vez em sua história, utilizaram cães em combates. Sem a necessidade de fardas, armamentos ou camuflagem, os cães foram empregados como entregadores de correspondências, farejadores de explosivos e até auxiliaram na instalação de fios de telégrafos.

Em decorrência da sua grande lealdade, coragem, força, rapidez, adaptabilidade e por seu faro apurado, várias raças de cães são utilizadas no apoio ao cumprimento de missões. Entre as mais empregadas, destacam-se o rottweiler, o pastor alemão e o labrador. Contudo, algumas raças se adaptam melhor na realização de determinadas tarefas; como exemplo o cão labrador, que é utilizado pelas Polícias Militar e Federal para farejar drogas ou localizar e resgatar pessoas. Outras raças apresentam maior rendimento nas missões de patrulha, defesa de instalações e, até mesmo, em salto de paraquedas.

Uma das utilizações mais recentes de cães em combate aconteceu na operação de eliminação do terrorista **Osama**

Bin Laden, líder da rede terrorista **Al Qaeda** e mentor dos ataques terroristas nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001. O cão estava junto com os militares do **SEAL (Sea-Air-Land Team)**, grupo de elite dos Estados Unidos que realizou a ação.

OS CÃES DE GUERRA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

No Exército Brasileiro, o emprego de cães é pequeno se comparado com países como os Estados Unidos, Portugal, Rússia, Inglaterra e Alemanha, que os empregam nas operações militares há mais tempo, devido às qualidades naturais do animal. De acordo com um Boletim do Exército de janeiro de 2011, existiam 350 cães nos quartéis do Brasil e eram empregados em operações de Garantia da Lei e da Ordem, em tarefas de controle de distúrbios, busca de drogas e na segurança de instalações. O emprego desses animais aumentou com a realização de grandes eventos no Brasil, como a Copa das Confederações, a visita do Papa Francisco e a Copa do Mundo.

O adestramento e o treinamento dos cães de guerra são realizados nas Organizações Militares do Exército, em geral nos Batalhões de Polícia do Exército e nos Batalhões de Guarda, dotadas de canil que, entre outras responsabilidades, realizam o controle profilático e o atendimento clínico-cirúrgico dos animais. Para isso, sempre que possível, o canil é equipado com um centro radiológico, centro cirúrgico, ambulatório e um laboratório.

O treinamento dos cães filhotes tem início logo após o desmame, que ocorre em torno de 40 dias. Normalmente, são filhos de cães selecionados e testados tanto no serviço diário quanto nas competições de adestramento.





Cães de guerra do 5º RC Mec atuando em posto de bloqueio realizado durante a Operação Ágata 7/2013



A partir do desmame, os treinamentos estimulam os impulsos de caça e familiarizam o filhote com os diferentes ambientes e situações – automóveis, instalações, matas, caixas de transporte, barulhos de tiro, megafone, luzes do **rotorlight** da viatura policial, entre outros – que o animal poderá encontrar quando empregado. A criação de um forte vínculo entre o cão e seu condutor também ocorre nessa fase. Esse

treinamento é curto, porém intenso. A partir do desmame, somente o condutor do filhote deverá ter acesso a ele. Alimentação, limpeza do box, tratos diários, como rasqueamento e banhos, sempre são executados pelo condutor.

O treinamento dos cães adultos segue uma rotina de treinos até o último dia de serviço. Essa rotina



consiste em treinos de obediência, faro e proteção (ataque). Após a formação dos cães, os treinos são conduzidos com a simulação de situações de emprego em diferentes cenários. Os erros são corrigidos e os acertos confirmados.

Demonstração dos cães de guerra do 4º BPE quanto ao faro, ataque e obediência



OS CÃES DE GUERRA PARAQUEDISTAS

Os cães de guerra possuem longa trajetória na história da Brigada de Infantaria Paraquedista. Além de atuar nas áreas de segurança do aquartelamento, em operações de garantia da lei e da ordem, patrulhas a pé e no controle de distúrbios; contribuem na divulgação da atividade paraquedista militar, principalmente com a realização de saltos, em inúmeras demonstrações, desde a década de 1950.

O pioneiro e mais famoso foi o “Piloto”, um cão da raça pastor alemão. Por ser companheiro dos paraquedistas e por estar acostumado a correr entre a tropa, surgiu a ideia de realizar, com ele, uma “área de estágio” especial. Após o

Cão Piloto



treinamento com saltos da torre, entre outros procedimentos, **Piloto** executou os cinco saltos de qualificação, sendo o último no dia 26 de julho de 1951, a bordo da aeronave C-47 – 2063, sobre a zona de lançamento do Gramacho, tendo sempre sido lançado pelo seu adestrador.

No dia seguinte, na companhia de 52 novos paraquedistas militares, participou da cerimônia de brevetação, quando também recebeu o seu brevê. Ao todo, **Piloto** deu 46 saltos e faleceu, em 1954, por motivos de doença. A partir do **Piloto**, muitos foram os cães que se destacaram no adestramento e nos saltos de paraquedas.



Em treinamento

“A PORTA, JÁ”

Prepara para aterrar

Aterragem

Embora a Brigada de Infantaria Paraquedista tenha consolidado o conhecimento para o lançamento de cães a partir de aeronaves militares em voo, ocorreu um hiato de mais de 20 anos sem a realização dessa atividade. Em 2011, foi resgatado o lançamento com o Cão **Adam**, do 36º Pelotão de Polícia do Exército Paraquedista, com a



Cão Adam - preparo para o salto da torre

realização de estudos para modernizar os procedimentos de lançamento e os equipamentos. Adam realizou seu primeiro salto durante a Operação Saci, no dia 19 de novembro de 2011, na zona de lançamento de Itaguaí (RJ), e atuou, ainda, nas seguintes missões: Operação Arcanjo (Pacificação dos Complexos do Alemão e da Penha), Operação América (segurança do Presidente dos EUA), e Conferência da ONU – Rio +20. Devido à idade avançada, **Adam** foi aposentado; porém, continua no Pelotão.



Adam na rampa da aeronave antes do 1º salto durante a Operação Saci



Preparação do Cão Pércius para demonstração



Demonstração de aterragem



Participação na novela Salve Jorge

No 8º Grupo de Artilharia de Campanha Paraquedista (8º GAC Pqdt), **Pércius** é um cão da raça rottweiler com três anos de idade que recebeu todos os treinamentos militares necessários para se tornar um cão de guerra.

Pércius conseguiu passar nas duas fases que exigem do cão a pronta resposta a comandos de controle (ordens à voz); a execução de treinamentos físicos, como natação, passagem de obstáculos, ação reflexa de atacar pessoas a comando; e a passagem na câmara de gás, local fechado onde os instrutores espalham o gás lacrimogêneo, a fim de o animal ter um primeiro contato com o gás que poderá ser utilizado em operações de Garantia da Lei e da Ordem, mais precisamente em manifestações. Além de todos esses testes aplicados, nos quais o cão foi aprovado com êxito, **Pércius** foi submetido a testes específicos para se tornar um cão paraquedista.

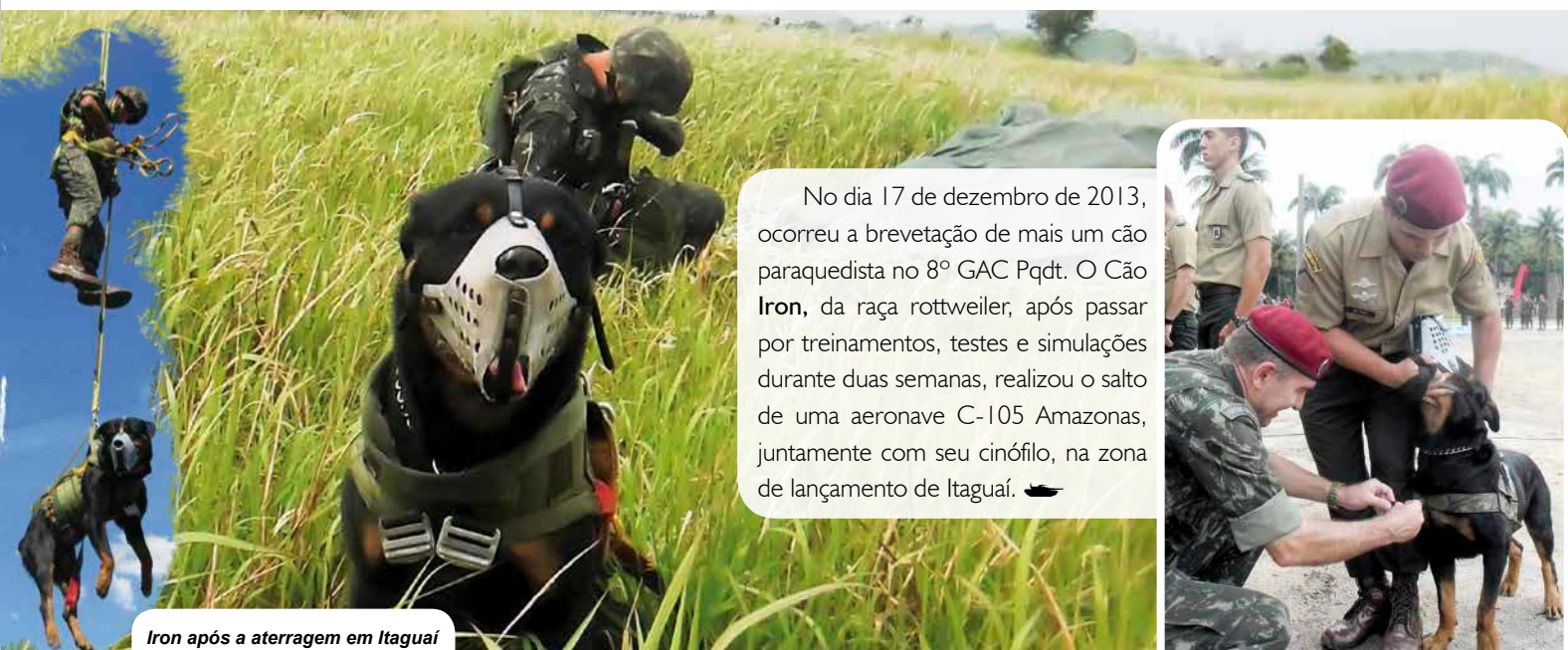
No Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil, tradicional e único centro de formação de paraquedistas do Brasil, o cão passou por treinamentos, testes e simulações, a fim de ser lançado de uma aeronave militar em voo. Passou pelo lançamento da torre, pela simulação dentro de um falso

avião e pelo “balanço”, nome dado a um dispositivo que simula o movimento de aproximação de um paraquedista ao solo.

Após duas semanas de treinamento básico paraquedista, **Pércius** saltou de uma Aeronave C-105 Amazonas, na Base Aérea de Afonsos (Rio de Janeiro). Após todos os treinamentos e, principalmente, do salto, recebeu o brevê de paraquedista, na formatura de brevetação, no dia 15 de dezembro de 2012.

No quartel, possui uma equipe de adestradores a sua disposição que, entre outros cuidados, se preocupa com o banho e com a ração selecionada. Pela manhã, realiza treinamento físico com corrida ou com natação.

Durante o ano de 2012, **Pércius** esteve presente em operações como a Rio + 20, Conferência das Nações Unidas realizada no Rio de Janeiro, participando da segurança do Centro de Coordenação e Controle do 8º GAC Pqdt; foi empregado durante as Eleições 2012, realizando a segurança da base de operações onde o quartel se encontrava; participou do desfile cívico-militar de 7 de setembro e, também, da novela **Salve Jorge**, da Rede Globo de Televisão.



No dia 17 de dezembro de 2013, ocorreu a brevetação de mais um cão paraquedista no 8º GAC Pqdt. O Cão **Iron**, da raça rottweiler, após passar por treinamentos, testes e simulações durante duas semanas, realizou o salto de uma aeronave C-105 Amazonas, juntamente com seu cinófilo, na zona de lançamento de Itaguaí. 🐾



Iron após a aterragem em Itaguaí

A BANDA de MÚSICA do COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA

Em um ambiente destinado ao aprendizado e ao desenvolvimento da música, conhecido como “Espaço Musical”, o Colégio Militar de Brasília mantém uma Banda de Música, constituída exclusivamente por alunos daquele estabelecimento de ensino, que se avulta em apresentações internas e externas, nacionais e internacionais.

O Colégio Militar de Brasília (CMB) é um estabelecimento de ensino do Sistema Colégio Militar do Brasil diretamente subordinado à Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial (DEPA), instalado na cidade de Brasília em primeiro de setembro de 1978.

O CMB iniciou suas atividades de ensino no dia 5 de março de 1979 e, atualmente, possui um Corpo Discente de aproximadamente 3050 alunos de ambos os sexos, os quais, em sua maioria, são dependentes de militares do Exército, exemplarmente enquadrados nas situações previstas no Regulamento e nas normas específicas que regem o Sistema Colégio Militar do Brasil.

Convém ressaltar, também, que o CMB abriga dependentes de militares da Marinha do Brasil, da Aeronáutica, da Polícia Militar do Distrito Federal, do Corpo de Bombeiros Militares do Distrito Federal, bem como alunos provenientes das Nações Amigas, além dos que ingressam, a cada ano, oriundos do público civil, mediante os regulares Concursos de Admissão.

Com propriedade, pode-se afirmar, diante dos resultados obtidos pelos alunos em olimpíadas, concursos e nas aprovações dos vestibulares realizados anualmente, que,

indubitavelmente, o CMB é uma das melhores Instituições de Ensino Fundamental e Médio do Distrito Federal, compondo o **ranking** dos estabelecimentos de ensino de excelência na Capital Federal e, conseqüentemente, no Brasil.

Possui uma área de 240.000 metros quadrados, com edificação planejada e uma abrangente área verde. Nessa vultosa estrutura, voltada para a formação integral do jovem cidadão, o CMB possui mais de 100 salas de aula, quadras poliesportivas, piscina, academia de musculação, sala de esgrima e corpo de baile, que são áreas otimizadas e destinadas ao ensino, ao esporte, ao lazer e à cultura.

Nesse mister, destaca-se, ainda, o Espaço Musical, destinado ao aprendizado e ao desenvolvimento da música, quer instrumental ou vocal, em sintonia com o Corpo de Baile. O Espaço Musical do CMB foi criado, em 1987, pelo então 1º Sargento **José Landgraf**, e aquela estrutura e formação musical ainda incipientes, à época, já lhe proporcionava grandes reconhecimentos, pelas participações, como Banda Marcial, nos desfiles de 7 de setembro e por outras representações.

Conheça, cronologicamente, alguns momentos desse largo desenvolvimento e sucesso que vem obtendo o Espaço Musical do CMB:





- . em 1988, foi formada a Banda de Música;
- . em 1989, o CMB tornou-se autossuficiente quanto à Banda de Música e passou a realizar formaturas e a participar de eventos na Capital Federal;
- . em 1990, a Banda de Música já contava com mais de 60 músicos;
- . em 1992, surgiu o Coral de Alunos, com vozes mistas;
- . em 1993, foi oficialmente formado o Corpo de Baile;
- . em 1996, o Mestre da Banda, Subtenente **Landgraf**, realizou Curso em Ópera Musical na Itália;
- . em 2000, a Banda de Música e o Coral gravaram o CD Alma Garança, cuja obra contém, entre outras, as canções de todos os Colégios Militares do Brasil; e

- . em 2009, ocorreu à chegada de oito Gaitas de Fole, o que deu início à formação dos 18 alunos pioneiros na execução deste belo e harmônico instrumento.

Hoje, o Espaço Musical é constituído pela Banda de Música, pela Banda Marcial, pelo Coral, pelo Corpo de Baile e pelo Conjunto de Gaitas de Fole, congregando-se um efetivo misto de aproximadamente 900 alunos e alunas, que cursam do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Os ensaios são desenvolvidos em três sessões semanais e realizam, sempre que possível, dez apresentações mensais. Diante dessa grande estrutura, o Espaço Musical possui um Corpo Docente composto de Oficiais e Sargentos músicos, chefiados pelo Capitão **Landgraf**.



Apresentação em comemoração ao dia das mães em 2014



Participação no desfile de 7 de Setembro

Ademais, o Espaço Musical mantém um estreito vínculo de participação atendendo às solicitações do Exército Brasileiro e apoiando todas as atividades internas do CMB, seja do seu Batalhão Escolar ou da Companhia de Comando e Serviços. Além disso, exerce atividades e representações externas, abrilhantando, quando solicitado, eventos oficiais do Governo Federal e do Governo Distrital, angariando, dessa forma, o respeito e a simpatia de toda a comunidade brasiliense.

A sua proposta tem como princípio básico o elevado respeito e consideração pela expressão cultural múltipla e pela formação de cidadãos ativos e solidários. A Banda de Música, hoje, por exemplo, é um inquestionável reflexo desses princípios e valores morais e sociais que são cultuados pelo CMB, no traçado determinante de caminhos de êxito da Instituição.

Das grandes e inesquecíveis participações musicais, internas ou externas, nacionais ou internacionais, destacam-se as seguintes:

- . no Palácio das Artes, em Belo Horizonte;
- . na abertura da Semana do Exército, em Juiz de Fora (MG) e no Museu Histórico do Exército e Forte Copacabana – Rio de Janeiro;
- . na inauguração do Teatro Metrôpole – Taubaté (SP);
- . apresentação no Teatro Nacional de Brasília – Brasília;

. apresentação na Esplanada dos Ministérios, durante o Projeto Sinfonia do Cerrado – Brasília, com público assistente de mais de 20 mil pessoas;

. apresentação no evento *Magic Music Days*, ano 2000, em Orlando (EUA); e

. nos desfiles de 7 de setembro em Brasília.

Com muita honra e sadio orgulho, o CMB colhe os frutos de um largo período de sementeira da dedicação e do trabalho de ilustres alunos e ex-alunos, que desenvolvem os seus talentos em diversas partes do mundo. Eis alguns nomes:

- Aluno **Bruno Medina**, executa Saxofone Alto. Sagrou-se Campeão Internacional de Música Jazz na Itália;

- Aluno **Zuvanove**, toca Trompa e participa de orquestra na África;

- Aluno **Saulo**, toca Trompete e participa da Escola de Música da Rússia;

- Aluna **Jaqueline Maia**, toca Trombone e participa de banda na Inglaterra.

Desde a sua criação, a Banda de Música do CMB tem sido referencial diferenciado na formação e na transformação de alunos, promovendo integração com os seus familiares e a perfeita inclusão social por meio da música.



O Regente - Capitão José Landgraf

A carreira do Capitão Landgraf, também professor de matemática, foi marcada pela realização de muitos sonhos. Chegou ao CMB em 1987 e, até hoje, se dedica aos 900 alunos que integram o grupo de música.

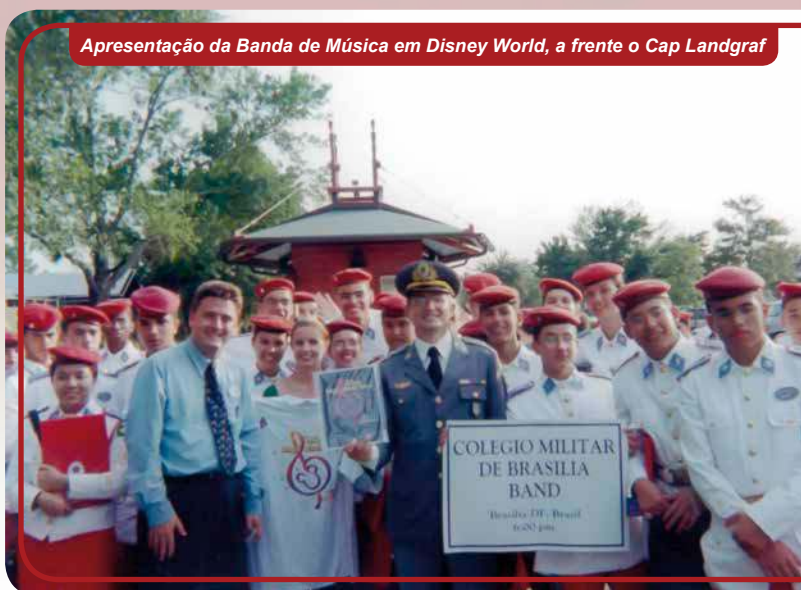
Aprendeu a tocar flauta doce no seminário, em Curitiba, e, ao sair daquele seminário, decidiu seguir a carreira militar no Exército, onde aprendeu a tocar clarinete.

“O clarinete me chamou a atenção por ser um instrumento de um som bem agudo e feminino. Além disso, é difícil aprender a tocá-lo e eu gosto de desafios”, explicou.

O Capitão Landgraf garante que vários alunos encontram-se espalhados por todo o mundo e atuam em diversas orquestras. Bastante empolgado ao falar do conhecimento dos alunos sobre música clássica, afirma que eles passaram a admirar essa modalidade musical após conhecê-la melhor.

Lembrou que o trabalho no CMB começou de forma repentina e logo teve que realizar a implantação do espaço físico, mas garante que o mérito do sucesso da Banda de Música e do Espaço Musical, como um todo, não é todo dele, e declara:

Apresentação da Banda de Música em Disney World, a frente o Cap Landgraf



“Os alunos são muito inteligentes e têm grande potencial. Um terço dos que participam hoje do grupo de música consegue notas acima de 9,5 e tem grandes chances de se destacar na carreira que escolher”.



Cap Landgraf regendo em formatura do CMB



SISTEMA ANTIAÉREO DE 35 mm GEPARD M1A2

O Sistema Antiaéreo de 35 mm GEPARD M1A2 (AAe 35 mm GEPARD M1A2) é um sistema de armas autônomo e altamente móvel, com alta prontidão operacional, pequeno tempo de reação e capaz de fazer frente a uma variada gama de ameaças. Ele foi adquirido com a finalidade de mobiliar as Brigadas Blindadas do Exército Brasileiro (EB) com uma Defesa de Artilharia Antiaérea (DA Ae) compatível, facilitando o apoio logístico.

O AAe 35 mm GEPARD M1A2 foi modernizado há cerca de três anos, dentro de um cenário que o manteria empregado até 2030 na Alemanha e foi projetado para proteger as unidades LEOPARD. Um dos principais objetivos durante o desenvolvimento do GEPARD, além do seu desempenho em combater alvos aéreos, foi obter um ajuste perfeito com as tropas blindadas equipadas com o LEOPARD 1 e o LEOPARD 2.

No Exército Brasileiro, o sistema tem a missão de realizar a defesa antiaérea das Brigadas Blindadas, impedindo ou dificultando o reconhecimento e/ou o ataque aéreo inimigo. Ao mesmo tempo, possibilita o funcionamento de órgãos e instalações vitais sediados em território nacional e permite a liberdade de manobra para elementos de combate, o livre exercício do comando e uma maior disponibilidade e eficiência das unidades de apoio ao combate e apoio logístico.

Características do Sistema

A guarnição do GEPARD é composta por três militares e as principais características do material são as seguintes:

- peso total: 47,5 toneladas;
- dimensões: largura – 3,40m; altura – 4,16m (com radar de busca); comprimento – 8,15m;
- alcance dos radares: busca – 15km e tiro – 10km;
- alcance do sistema de armas: 5km;
- teto de emprego: baixa altura;
- calibre dos tubos: 35mm; e
- cadência de tiro: 1.100 tiros por minuto, sendo 550 por tubo.

Formação Pessoal

De 4 de março a 17 de maio de 2013, 10 oficiais e 10 sargentos realizaram o Curso de Operação do Sistema AAe GEPARD na cidade de **Hardheim** (Alemanha), como parte das ações previstas no Projeto Estratégico do Exército Defesa Antiaérea (PEE DA Ae).

Após a realização do curso na Alemanha, os militares brasileiros realizaram uma segunda fase de formação no Brasil, durante o Tiro de Recebimento do GEPARD, conduzido pela 1ª Brigada de Artilharia Antiaérea no Centro de Avaliações do Exército (CAEx), nos dias 22 e 23 de junho de 2013.

Gepard no tiro de recebimento e 2ª fase do Curso de Operações



Os objetivos alcançados ao término do Tiro de Recebimento do GEPARD foram a realização do tiro real, nas modalidades antiaérea e terrestre, com oito VBC DA AE GEPARD IA2, recentemente adquiridas pelo EB, ocasião em que se verificou o funcionamento dos componentes do sistema de armas de cada carro; e a conclusão da segunda fase do Curso de Operação do GEPARD por parte dos militares brasileiros designados.

Nesse evento, foram executados 755 tiros sobre alvos aéreos ECLIPSE, operados por integrantes do 3º Grupo de Artilharia Antiaérea e 871 tiros sobre alvos fixos a 500 e 1500m de distância, na Linha I do CAEx.

No momento, a Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea é a responsável pela formação dos oficiais e sargentos do EB operadores do Sistema GEPARD.

O Sistema Antiaéreo de 35 mm GEPARD M1A2, atualmente, é o material de dotação de duas das mais importantes Brigadas do EB: a 5ª Brigada de Cavalaria Blindada e a 6ª Brigada de Infantaria Blindada, elevando a capacidade de DAe dessas Grandes Unidades e unindo satisfatoriamente o alto poder de fogo dos canhões de 35mm à mobilidade e proteção exigidas pelas brigadas blindadas.

O GEPARD foi empregado na Defesa Antiaérea durante a Copa das Confederações e foi novamente acionado por ocasião da Copa do Mundo FIFA 2014. 🚀

Integrantes do tiro de recebimento do Gepard



Reflexos para a Defesa Antiaérea

A DA Ae é estruturada para ser empregada em diversas faixas de altura e de alcance, fazendo frente aos diferentes tipos de ameaça. O Sistema AAe GEPARD integra o Sistema Operacional DA Ae para emprego na faixa de Baixa Altura (até 3.000m), realizando a Defesa Antiaérea da Força Terrestre e contribuindo, também, para a proteção das estruturas estratégicas terrestres brasileiras e das áreas sensíveis, cuja ameaça aérea inclui, entre outros tipos de vetores, as aeronaves de ataque ao solo, caças bombardeiros, helicópteros, Sistemas Aéreos Remotamente Pilotados, mísseis balísticos e de cruzeiro, foguetes e morteiros.

Tiro Direto





ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR NO 17º BATALHÃO LOGÍSTICO LEVE

Com o objetivo de melhor apoiar as organizações militares do Exército Brasileiro localizadas em alguns municípios dos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro e atuar em grandes eventos, o 17º Batalhão Logístico Leve realizou o treinamento de suas equipes de atendimento pré-hospitalar em operações de resgate e salvamento.

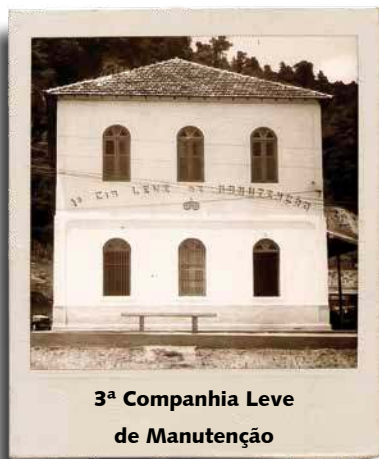


HISTÓRICO E MISSÃO

A presença do Exército Brasileiro (EB) na região de Juiz de Fora (MG) foi constante desde a longínqua época do Brasil Colonial e do Ciclo do Ouro. Por ser um local estratégico, Juiz de Fora já nasceu com vocação logística. Com o passar dos anos, o então povoado, nascido às margens do Rio Paraibuna e do Caminho Novo, ganhou importância no contexto nacional, impulsionado pelo Ciclo do Ouro e depois pela economia cafeeira.

A história oficial do 17º Batalhão Logístico teve início em 1915, quando foi criada a 4ª Companhia de Administração, que, após algumas transformações, passou a denominar-se 4ª Companhia de Intendência (1946), um dos pilares da criação do 17º Batalhão Logístico (17º B Log). O Batalhão herdou as instalações do 1/3º Corpo de Trem Motorizado (Santos Dumont/MG), iniciando suas atividades naquela cidade no segundo semestre de 1946. Nesse mesmo ano, foi criado o 4º Pelotão Regional de Reparação de Automóvel (4º Pel Rep Auto), ligado à 4ª Região Militar (4ª RM).

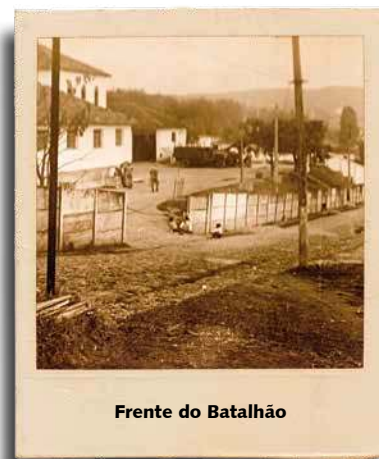




**3ª Companhia Leve
de Manutenção**



17º Batalhão Logístico



Frente do Batalhão

Em 1950, a partir do 4º Pel Rep Auto, foi criada a 4ª Companhia Leve de Manutenção, instalada em 1952 no bairro Fábrica, em Juiz de Fora.

Uma nova remodelação no EB, em 1972, transformou as duas Subunidades (4ª Companhia Leve de Manutenção e 4ª Companhia de Intendência) no 17º B Log; mantendo os aquartelamentos de Fábrica, em Juiz de Fora, e o de Santos Dumont.

Em 1984, com o objetivo de facilitar as ações operacionais e os processos administrativos, ocorreu a permuta das instalações do 4º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado e da 4ª Companhia de Intendência. A 4ª Companhia de Intendência e o Pelotão de Saúde (Santos Dumont) foram transferidos para Juiz de Fora, no bairro Mariano Procópio, vizinho ao Quartel-General.

Um ajuste na estrutura operacional da Força, em 2007, impôs a mudança de subordinação da 4ª Brigada de Infantaria Motorizada à 1ª Divisão de Exército (Rio de Janeiro). Consequentemente, o 17º B Log assumiu um novo desafio operacional; porém, guardou o vínculo administrativo com a 4ª RM (Belo Horizonte).

Em 2013, a nova denominação da 4ª Brigada de Infantaria Leve (Montanha) [4ª Bda Inf L (Mth)] implicou em novas missões e impôs ao 17º B Log a necessidade de evoluir com a sua Grande Unidade enquadrante. Assim, em 2014, permanece na constante evolução de seus processos, a fim de continuar implementando o poder de combate das peças de manobra da 4ª Bda Inf L (Mth) pelo seu efetivo apoio logístico em qualquer ambiente operacional.

O 17º B Log L tem como missão o apoio logístico a 32 Tiros de Guerra e a 27 organizações militares (OM) localizados em mais de 40 municípios do Estado de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. As missões de apoio direto regular totalizam quase 3.000 quilômetros em certas rotas de apoio. O Batalhão atua em todas as funções logísticas com ênfase em Intendência, Saúde e Material Bélico. Participa, também, do adestramento da 4ª Bda Inf L (Mth) para Operações Militares de Guerra e Não-Guerra, além das ações subsidiárias desenvolvidas pelo EB.

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR (APH)

No contexto do apoio logístico de saúde, os militares do Serviço de Saúde do Batalhão, procurando sua contínua atualização técnica, foram em busca do conhecimento. Assim, atividades de estudo e treinamento ocorreram nos meses de janeiro e fevereiro de 2014, as quais culminaram com a realização do I Simpósio de APH – Tático do 17º B Log L.



Resgate em áreas de difícil acesso



Nas semanas que antecederam o I Simpósio, foram realizados mais de 120 horas de treinamentos táticos com direcionamento específico para as missões de apoio do Pelotão de Ambulâncias da Companhia Logística de Saúde (Cia Log Sau). Nesse aspecto, ocorreram instruções teóricas e práticas, tais como atualização de procedimentos básicos, combate a incêndio, resgate e salvamento aquático, resgate aéreo, desencarceramento de vítimas, resgate em áreas de difícil acesso e salvamento em altura. O ciclo de atualização e estudos foi inserido no Período de Instrução de Capacitação Técnico-tática do Efetivo Profissional.

O preparo da tropa objetivou, além da motivação dos recursos humanos, a melhoria do apoio logístico de saúde aos grandes eventos, às calamidades, operações em ambiente de montanha; o nivelamento de conhecimentos; a padronização de procedimentos; e o estabelecimento de um canal técnico entre as frações do Serviço de Saúde no âmbito da 4ª Bda Inf L (Mth) e todas as OM da 4ª RM apoiadas pelo 17º B Log L.

Mais um aspecto positivo buscado e alcançado foi o estreitamento de laços necessários à coordenação com órgãos e instituições públicas e privadas envolvidos no APH nas situações antevistas para o futuro emprego



Resgate em áreas de difícil acesso



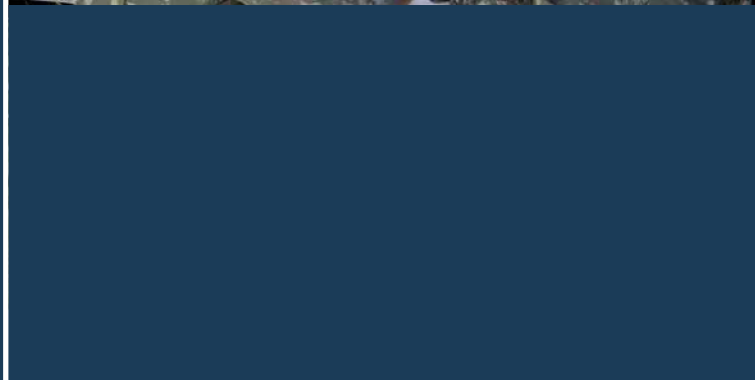
Resgate em áreas de montanha



da tropa. Destas, algumas já foram vividas por ocasião do apoio prestado durante a Copa das Confederações 2013, na Guarnição de Belo Horizonte e nas ações subsidiárias desenvolvidas junto ao 32º Batalhão de Infantaria Leve (32º BIL), na Guarnição de Petrópolis (RJ). Assim, a possibilidade de troca de experiências com aquelas Instituições foi extremamente salutar para todos os envolvidos, pois possibilitou o conhecimento mútuo, o que é fundamental para o efetivo apoio em operações interagências.

A ampla repercussão do I Simpósio de APH Tático do 17º B Log L nas OM apoiadas, especialmente naquelas orgânicas da Brigada de Montanha, na mídia regional e sociedade local revelou o interesse e importância do assunto. A realização dos grandes eventos, como a Copa do Mundo FIFA 2014 e as Olimpíadas (2016), descortinou a oportunidade e a necessidade de coordenação entre as instituições. Nesse contexto, verificou-se grande aquiescência, já durante os planejamentos e implementação dos contatos preliminares com todos os envolvidos.

Encerrando o I Simpósio de APH-Tático do 17º B Log L e o período de instruções preparatórias para o efetivo apoio de saúde às operações militares durante o ano de instrução, foi realizada uma demonstração de APH aos participantes. A atividade contou basicamente com duas cenas de ação. Na primeira cena, um veículo colidido em poste de alta tensão, com fiações rompidas, um princípio de incêndio e vítima encarcerada; na segunda cena, um desastre natural (fortes ventos e chuva intensa) com desabamento de estrutura e vítimas presas sob os escombros.



Desastre natural com desabamento de estrutura



Transporte de ferido para remoção em ambulância



Transporte de ferido para remoção em helicóptero

DEFINIÇÕES E LEGISLAÇÃO

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), APH é todo processo feito por um socorrista, médico ou enfermeiro, fora do ambiente hospitalar, destinado a vítimas de trauma, violência urbana, de mal súbito e distúrbios psiquiátricos, visando a sua estabilização clínica e a remoção para uma unidade hospitalar adequada. O APH é realizado por profissionais especialmente treinados para darem suporte básico de vida (SBV) ou suporte avançado de vida (SAV) aos traumatizados. O universo de profissionais é formado principalmente por integrantes do Corpo de Bombeiros Militar, Serviço de Assistência Móvel de Urgência (SAMU) e dos bombeiros civis.



Instrução de imobilização de acidentado para remoção



**"O destino dos feridos
está nas mãos de quem
faz o primeiro curativo"
– cirurgião americano
Nicholas Senn, 1898.**

Assim, o APH estaria dividido em três equipes: equipe de salvamento, equipe de SBV e equipe de SAV. O SBV consiste na preservação da vida, sem manobras invasivas, em que o atendimento é realizado por pessoas treinadas em primeiros socorros (PS) e que atuam sob supervisão médica; enquanto o SAV, em manobras invasivas e de maior complexidade, realizadas exclusivamente por médicos e enfermeiros.

No EB, a Portaria do Estado-Maior do Exército nº 149/2013 aprova a diretriz para o APH e tem por finalidade orientar o planejamento e as ações relacionados ao APH nas atividades de risco no EB, em consonância com a legislação nacional vigente.



Instrução de imobilização de acidentado para remoção

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR TÁTICO **(APH TÁTICO)**

De acordo com o médico e policial federal Dr. **Daniel Ferreira**, este é o APH específico de operações táticas policiais, situações de combate militar, e situações de intervenção privada ou governamental onde se tem a necessidade de uso progressivo da força e de material bélico.

São exemplos de APH Tático as atividades policiais de campo e na função logística de saúde em apoio a qualquer operação militar de guerra ou não guerra.

Conceitua-se PROTOCOLO como sendo a exata sequência em que uma ação de socorro deve ser realizada, o que representa o mais poderoso instrumento de orientação técnica de um socorrista. Os protocolos assumem valor legal nos países onde o socorro não é praticado por médicos. Aprovados por um órgão competente, os protocolos passam a determinar, passo-a-passo, como um socorro precisa ser praticado por cada profissional envolvido, dentro de um serviço específico. Ou seja, determinam a competência de cada um durante o socorro da vítima, tendo regras específicas para cada profissional.

PROTOCOLO - (Abordagem sistematizada utilizada também pelo SAMU)

Preparação:

Avaliação da Cena:

- observar a cena, procurando identificar riscos potenciais para si, para a vítima, ou outros envolvidos,
- adotar medidas de proteção pessoal,
- observar os mecanismos do trauma ou a natureza da doença do paciente,
- avaliar a gravidade da emergência e o número de vítimas,
- acionar apoio.

Classificação dos pacientes de acordo com o tipo de tratamento e os recursos disponíveis:

Triagem:

- avaliar a gravidade dos pacientes/vítimas,
- verificar os recursos disponíveis,
- dividir a área de atuação por zonas de trabalho,
- organizar as vítimas por prioridades de atendimento,
- Protocolo de Triagem – Simples Triagem e Rápido Tratamento (START) –

Respiração – Circulação – Nível de Consciência.

Avaliação primária + reanimação:

A – Vias Aéreas com Controle da Coluna Cervical

B – Respiração e Ventilação

C – Circulação com Controle de Hemorragia

D – Incapacidade, Estado Neurológico

E – Exposição/Controle do Ambiente

Reavaliação: reavaliar o ABCDE após o término da reavaliação primária e reanimação.

Avaliação secundária: Anamnese; exame minucioso da cabeça aos pés; e verificação dos sinais vitais.

Monitorização e reavaliações contínuas: identificar o agravamento do quadro clínico; e acompanhar as respostas das medidas de reanimação.

Tratamento definitivo: estabilização da vítima/paciente; imobilização adequada; e encaminhamento para um hospital de referência específico para o caso.



Resgate de ferido em colisão de veículo

PRINCIPAIS LIÇÕES APRENDIDAS

Dentre os aprendizados adquiridos no período que o antecedeu e durante o I Simpósio de APH Tático, que culminou com uma demonstração, foram verificadas as seguintes necessidades:

– **Equipar o pessoal envolvido com:**

- coldre subaxilar para facilitar as ações e procedimentos dos agentes de APH em suas missões;
- mochilas em substituição das bolsas de materiais de resgate, para que as mãos fiquem livres durante a operação; e
- óculos de proteção de lentes escuras e claras com suporte elástico, para balizamento de aeronaves.

– **Disponibilizar como equipamento das viaturas ambulâncias operacionais:**

- ferramental para abertura de clareiras em áreas de difícil acesso;
- materiais de sinalização para socorro aéreo-terrestre;
- GPS veicular e tático, rádio comunicador, telefone funcional e guincho elétrico;
- material de escalada completo para realizar uma cordada de salvamento;
- maca tipo cesto para salvamento em montanha;
- cilindros de oxigênio em alumínio, que diminuem o peso do material transportado pelo socorrista; e
- maca tipo sked envelope em polietileno, prática, dobrável, leve, que facilita o embarque e desembarque em aeronaves.

Medidas já implementadas pelo 17º B Log:

- padronização do **layout** de materiais e equipamentos das ambulâncias. Padronização sugerida a todas as OM apoiadas pela Cia Log Sau/17º B Log L;
- confecção e padronização de Boletim de Atendimento para todas as equipes APH do Batalhão, a fim de sistematizar o trabalho de socorrista;
- adaptação e aquisição de material classe II das equipes táticas (bolsas, mochilas, coldres etc.); e
- aquisição e emprego do material levantado como necessário (cilindros em alumínio, macas especiais, ferramental e material para abertura de clareiras, guinchos elétricos, GPS, rádio, telefone etc.).

Conclui-se que o APH configura o adequado conjunto de modernos procedimentos que viabilizam o efetivo apoio de saúde e à crescente demanda pela Força no contexto da atualização da Logística Militar Terrestre.

Finalmente, não descuidemos da necessidade de atualização constante. Somente assim, estaremos aptos a prestar o pronto apoio de Serviço de Saúde em Campanha, cumprindo a missão do 17º B Log L:

“APOIAR SEMPRE, CADA VEZ MELHOR, MONTANHA!” 🏔️



Cilindro de alumínio e bolsa de transporte



Bolsa de imobilização



Respirador



Material de ambulância



Ambulâncias

Obrigado, Anjos do Céu SOLIDARIEDADE

Foto: Janaina Kokurudza



Pilotos do Exército Brasileiro passavam por Guarapuava e desceram para socorrer flagelados. As Famílias Guarapuavanas agradecem.



Nos dias 8 e 9 de junho, a Aviação do Exército colaborou com os trabalhos em benefício da população de Guarapuava (PR), vitimada por fortes chuvas. A missão foi cumprida por meio do emprego de militares e de três aeronaves do 3º Batalhão de Aviação do Exército.

Como forma de reconhecimento, a Prefeitura Municipal de Guarapuava postou, em seu facebook, o agradecimento pelo apoio prestado.



O DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO NA BRAZIL ROAD EXPO 2014



O Exército Brasileiro participou da Brazil Road Expo 2014, considerada a maior feira de infraestrutura viária e rodoviária do País. O Departamento de Engenharia de Construção, responsável pelas atividades de planejamento e execução de obras e serviços da Força Terrestre, expôs projetos desenvolvidos pelas Diretorias Subordinadas e apresentou pesquisas e trabalhos em benefício do meio ambiente ou considerados inovações tecnológicas.

O Exército Brasileiro participou, entre os dias 9 e 11 de abril, na cidade de São Paulo, da **Brazil Road Expo 2014**, a maior feira de infraestrutura viária e rodoviária do País. O Departamento de Engenharia e Construção (DEC) expôs projetos que demonstram o emprego dual da Engenharia Militar, que atua tanto na preparação para a defesa da Pátria quanto na execução de obras de infraestrutura.

“A maioria das pessoas observa o Exército como Força Armada, mas nós também temos outras atribuições constitucionais e participar do desenvolvimento nacional é uma

delas. As infraestruturas viárias e rodoviárias do Brasil contam com uma participação intensa do Sistema de Engenharia do Exército, e nós viemos a este evento compartilhar nossas experiências na área de sustentabilidade, meio ambiente e inovações tecnológicas”, afirmou o Vice-Chefe do DEC.

Durante a exposição, os visitantes do estande do Exército conheceram projetos das quatro diretorias do DEC: Diretoria de Obras de Cooperação, Diretoria de Obras Militares, Diretoria de Patrimônio Imobiliário e Meio Ambiente (DPIMA) e Diretoria de Projetos de Engenharia.



Estande do DEC

Um desses projetos é a ponte LSB (*Logistic Support Bridge*), usada em manobras militares e em casos de calamidade pública. Sua estrutura metálica pode ser montada de forma permanente ou semipermanente, atingindo um vão-livre de 60 metros e suportando até 80 toneladas. Essa é uma solução tecnológica que leva tanto ao adestramento do pessoal militar quanto ao auxílio à sociedade.

Outro projeto, o da Estrada Ecológica, prevê a construção de uma rodovia que minimize os impactos na Área de Preservação Ambiental do Pratigi, no Baixo Sul da Bahia. O objetivo é proteger os corredores ecológicos e, ao mesmo tempo, permitir o escoamento da produção local e, também, o agroecoturismo. “A estrada teria velocidade reduzida e usaria pavimentação sustentável. É uma ideia nova no Brasil e esse trecho serviria como exemplo a ser adotado em outras regiões”, explicou a Tenente **Isabel Mota**, da DPIMA.

A pavimentação sustentável foi um dos trabalhos da Engenharia Militar apresentados durante o Congresso Técnico da **Brazil Road Expo 2014**. O Major **Antonio Carlos Pavão Madureira**, do 4º Batalhão de Engenharia de Construção (Barreiras/BA), expôs sua pesquisa por soluções de pavimento que diminuam a agressão ao meio ambiente.

O Major **Pavão** apresentou os benefícios do uso de asfalto modificado com borracha, que reutiliza pneus descartados para a produção do pavimento. Também trouxe informações sobre o asfalto natural TLA (*Trinidad Lake Asphalt*), que brota da terra em um lago de Trinidad e Tobago e nunca foi usado no Brasil. Por último, apresentou as vantagens do pavimento intertravado de concreto, que substitui o asfalto por blocos encaixados feitos do mesmo material. Além de sua fácil instalação, possui elevada durabilidade e resulta em uma diminuição da velocidade da via.

Por sua vez, o Capitão **Fabiano Queiroz de Souza**, do 1º Grupamento de Engenharia (João Pessoa), apresentou o trabalho Utilização do Poliestireno Expandido (EPS), como técnica de solução de aterros sobre solos com baixa capacidade de suporte na BR-101 Nordeste. O Capitão mostrou a solução encontrada pelo Exército para realizar a construção de um trecho da BR-101 próximo à divisa dos estados de Pernambuco e Paraíba.

As grandes placas de isopor, chamadas EPS, colocadas sobre o solo alagado próximo a uma ponte da cidade de Goiana (PE) permitiram a construção rápida da rodovia usando um peso menor sobre o solo da área. 🛞

Ponte LSB



Palestra do Maj Pavão



Palestra do Cap Queiroz



Personagem da Nossa História:

Coronel de Infantaria IPORAN NUNES DE OLIVEIRA

Iporan Nunes de Oliveira, filho de **Joaquim Pinto de Oliveira** e da Senhora **Theonila Nunes de Oliveira**, nasceu em Cuiabá, em 20 de dezembro de 1917.

Ao concluir a Escola Militar de Realengo, em 8 de janeiro de 1944, como Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria, foi classificado no 11º Regimento de Infantaria – Regimento Tiradentes –, que compôs a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Em 23 de abril de 1944, integrando o 2º escalão, o Aspirante **Iporan**, como Comandante do 3º Pelotão da 2ª Companhia, embarcou para a Itália, onde, no teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, comandou 11 patrulhas de combate e participou de três ataques, sendo o principal à cidade de Montese, em 14 de março de 1945.

Em Montese, encontrou vários obstáculos para a conquista de seu objetivo. Inicialmente, o pelotão designado para o ataque principal, junto com o seu, ficou detido pela defensiva alemã, fazendo com que o seu pelotão entrasse sozinho em Montese. Após vencer um terço do outeiro, o pelotão teve a retaguarda batida por fogos de artilharia, colocando dois soldados fora de combate e cortando os fios telefônicos que mantinham as comunicações com a Companhia. Após prosseguir no objetivo, deparou-se com o que aparentemente seria um campo minado; mas, ao constatar que se tratava de *booby-traps* (armadilhas), ligadas a minas antipessoal, providenciou a neutralização.

Depois de ultrapassar a área de armadilhas, o seu pelotão progrediu com dificuldades debaixo de intenso bombardeio da artilharia alemã, atingindo, mesmo assim, as alturas da cidade de Montese, embora isolado do restante das tropas. No dia seguinte, consolidou as posições de dominação da localidade, destruindo as últimas posições de resistência inimiga.

Depois de controlada a situação, manteve-se com seu pelotão em uma posição central à espera de um possível contra-ataque que felizmente não ocorreu, até a chegada de seu comandante de companhia com reforço.

Ao anoitecer do dia 14 de abril, a Infantaria alemã abandonava sua posição deixando mortos e prisioneiros, o que não impediu que a Artilharia inimiga lançasse sobre a cidade, naquela noite, cerca de 2.800 tiros. Na manhã do dia 15, a tropa brasileira fez vários prisioneiros durante a limpeza da cidade.

O Tenente **Iporan** voltou para o Brasil em 17 de setembro de 1945, após permanecer quase um ano em território inimigo. Na desmobilização da FEB, foi transferido para o 16º Batalhão de Caçadores (Cuiabá), onde voltaria a servir em 1952.

Ao longo de sua carreira, serviu no 3º Regimento de Infantaria, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, no 5º Regimento de Infantaria e no Estado-Maior do Exército – Comissão de Promoção de Oficiais. Neste último, permaneceu por quatro anos até passar para a reserva remunerada.

Seja em tempos de paz ou de guerra, **Iporan Nunes de Oliveira** sempre se portou como exemplo de militar, tendo, como Oficial Superior, alcançado todas as suas promoções por merecimento.

Por sua valentia e por sua extrema tenacidade na liderança do pelotão durante o ataque a Montese, foi condecorado pelo Exército dos Estados Unidos da América com a **Silver Star** – que lhe foi entregue pessoalmente pelo General **Charles Gerhalt**, em Cuiabá, no dia 15 de julho de 1946; e foi agraciado com a Ordem do Império Britânico, imposta pelo Marechal de Campo **Harold Alexander**, no Rio de Janeiro, em 15 de julho de 1948. Foi detentor, também, das medalhas de Campanha, de Guerra, de Tempo de Serviço (20 anos), Ordem do Mérito Militar, Mascarenhas de Moraes, Cruz de Combate de 1ª Classe e Cruz de Combate de 2ª Classe.

O veterano da FEB Coronel **Iporan Nunes de Oliveira** faleceu no dia 3 de dezembro de 2011, na cidade do Rio de Janeiro, de causas naturais aos 93 anos de idade. 🇨🇪



Pelotão do Cel Iporan antes do ataque a Montese



O 6º Grupo de Lançadores Múltiplos de Foguetes (6º GLMF) recebeu o primeiro lote das modernas Viaturas Veisões MK6 do Projeto Estratégico ASTROS 2020, desenvolvido pela parceria do Exército Brasileiro com a AVIBRAS.

Formosa (GO), 06 de junho de 2014.



25 de agosto
Dia do Soldado
SEMPRE PELO BRASIL

ORDEM E PROGRESSO



eb.mil.br

#SemprepeeloBrasil

POUPEX Associação de Poupança e Empréstimo



EXÉRCITO BRASILEIRO
Braço Forte - Mão Amiga